



PRÊMIO ARI DE JORNALISMO 2023
Reportagem Econômica

MAPA ECONÔMICO DO RS



Caderno Especial do Jornal do Comércio
Porto Alegre, segunda-feira, 16 de dezembro de 2024

EVANDRO OLIVEIRA/JC



2ª temporada - 2024

5ª edição

Região Metropolitana
Vale do Sinos
Litoral



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL

O futuro nos une.



Investimentos na indústria e inovação impulsionam o RS

Regiões Metropolitana, Vale do Sinos e Litoral avançam em diferentes frentes de desenvolvimento, aliando aportes em fábricas e centros voltados à tecnologia

Panorama

Um mapa da economia gaúcha dividido em cinco grandes regiões

Regionalização do Estado ganha atualizações no 2º ano do Mapa Econômico do RS

A segunda temporada do Mapa Econômico do Rio Grande do Sul, projeto do Jornal do Comércio que traça uma radiografia da economia gaúcha, mantém, em 2024, o formato de cinco recortes regionais no Estado.

A lógica de agrupar por afinidade econômica e proximidade geográfica os 28 Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes) – que formam regiões funcionais no planejamento do Rio Grande do Sul – é mantida, segundo parâmetros da Secretaria Estadual de Planejamento.

No entanto, levando em consideração vocações econômicas locais, fluxos populacionais regionais, fatores históricos e climáticos, que apontam para potenciais produtivos semelhantes, neste ano o Mapa atualiza dois agrupamentos para retratar com mais precisão o dinamismo econômico do Rio Grande do Sul.

As Regiões Sul, Campanha e Fronteira Oeste têm acrescida a Região Centro-Sul, formando um dos cinco blocos do RS. Aforas as semelhanças e relações

das cadeias produtivas que interagem mais do que o observado no recorte anterior, quando o Centro-Sul foi retratado com a Região Metropolitana, há um fluxo logístico e produtivo ali que aponta ao Sul.

Critérios semelhantes foram adotados ao considerar os municípios do Corede Alto Jacuí, onde se desenvolve a agricultura de precisão, especialmente relacionada à cultura da soja. Agora, o Alto Jacuí está no mesmo recorte dos municípios mais ao Norte e Noroeste do Rio Grande do Sul, justamente onde a cultura da soja responde diretamente pelo desenvolvimento econômico regional.

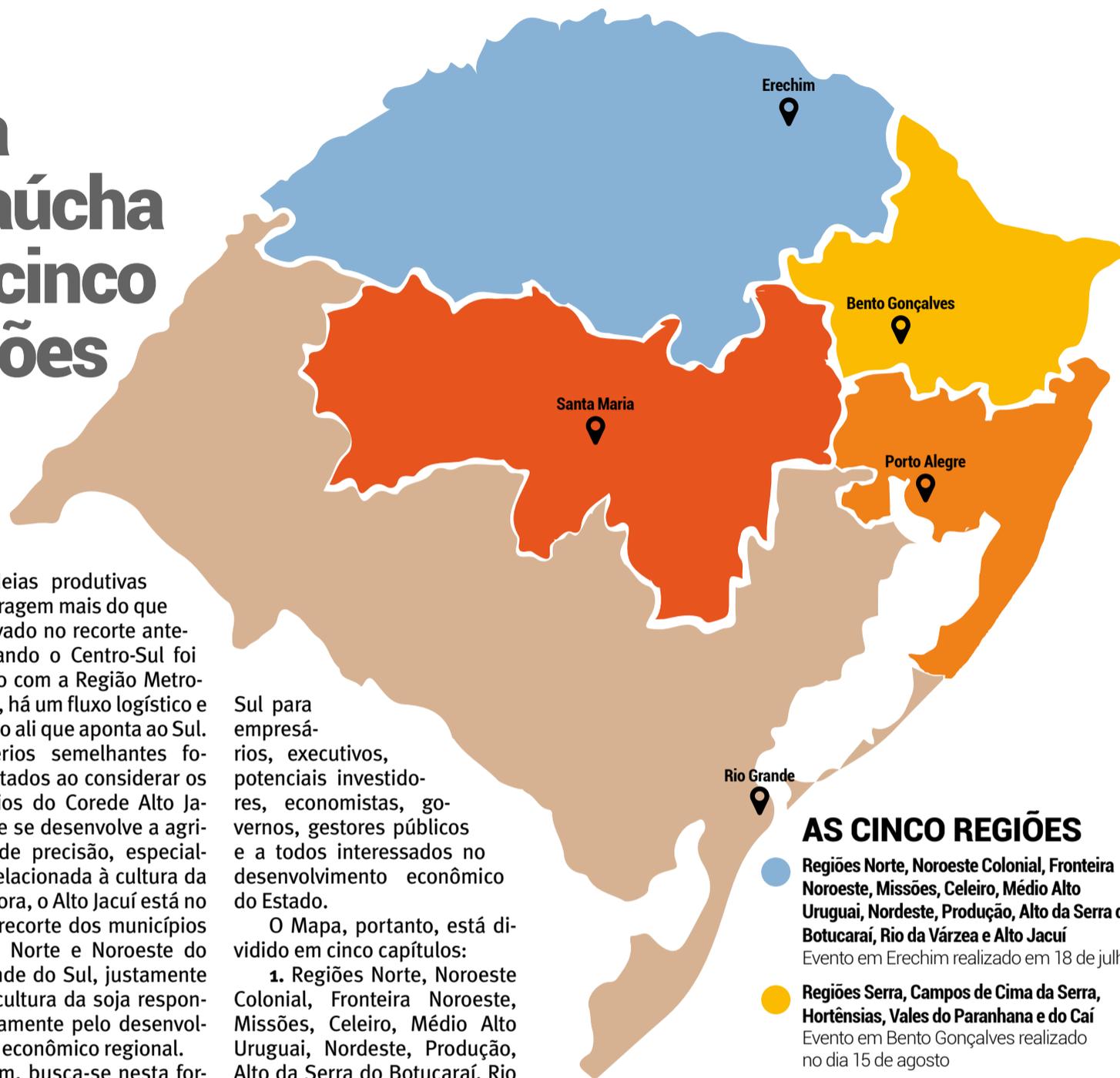
Assim, busca-se nesta forma de organização do Mapa Econômico do RS em 2024 aprimorar a regionalização para obter uma melhor percepção das diferenças locais e da diversidade econômica do Estado.

Desta forma, o conteúdo poderá cumprir melhor com seu objetivo de gerar indicadores econômicos do Rio Grande do

Sul para empresários, executivos, potenciais investidores, economistas, governos, gestores públicos e a todos interessados no desenvolvimento econômico do Estado.

O Mapa, portanto, está dividido em cinco capítulos:

1. Regiões Norte, Noroeste Colonial, Fronteira Noroeste, Missões, Celeiro, Médio Alto Uruguai, Nordeste, Produção, Alto da Serra do Botucarai, Rio da Várzea e Alto Jacuí;
2. Regiões Serra, Campos de Cima da Serra, Hortênsias, Vales do Paranhana e do Caí;
3. Regiões Sul, Centro-Sul, Campanha e Fronteira Oeste
4. Regiões Centro, Vales do Taquari, do Jaguari, do Rio Pardo e Jacuí Centro;
5. Regiões Metropolitana, Vale do Sinos e Litoral.



AS CINCO REGIÕES

- Regiões Norte, Noroeste Colonial, Fronteira Noroeste, Missões, Celeiro, Médio Alto Uruguai, Nordeste, Produção, Alto da Serra do Botucarai, Rio da Várzea e Alto Jacuí**
Evento em Erechim realizado em 18 de julho
- Regiões Serra, Campos de Cima da Serra, Hortênsias, Vales do Paranhana e do Caí**
Evento em Bento Gonçalves realizado no dia 15 de agosto
- Regiões Sul, Centro-Sul, Campanha e Fronteira Oeste**
Evento em Rio Grande realizado no dia 17 de setembro
- Regiões Centro, Vales do Taquari, do Jaguari, do Rio Pardo e Jacuí Centro**
Evento em Santa Maria realizado no dia 17 de outubro
- Regiões Metropolitana, Vale do Sinos e Litoral**
Evento em Porto Alegre realizado em 9 de dezembro

O banco que está sempre um passo à frente é o mesmo que está sempre ao seu lado.

O **BRDE** cresce a cada ano porque faz de cada parceria **um case de sucesso**. São contratos e financiamentos que transformam projetos em realidade e que garantem mais emprego e renda para toda a Região Sul, pois o crédito que gera desenvolvimento transforma a vida de milhares de famílias.

brde.com.br **BRDE** CRÉDITO PARA INOVAR E DESENVOLVER.



**TODOS
NÓS POR
TODOS
NÓS**

**PLANO RIO GRANDE
É A REVITALIZAÇÃO
DO TURISMO GAÚCHO.**

R\$ 3,2 bilhões investidos na reconstrução do nosso Estado.

O Plano Rio Grande já é uma realidade. **Confira abaixo algumas ações da recuperação do Estado no setor do turismo:**

Ampliação de recursos do FUNGETUR para até R\$ 1 bilhão, destinados à recuperação e reconstrução de empreendimentos públicos e privados, com juros equalizados.

Isenção das alíquotas fiscais de IPI de toda a linha branca e mobiliário por 24 meses, direcionada às empresas dos setores de Alojamento e Alimentação, e de produtos vinculados ao trade turístico gaúcho, para permitir a reestruturação e aumento de competitividade.

Lançamos a maior campanha de promoção turística da história do RS, convidando o Brasil a viajar, divulgar e incentivar o turismo pelo nosso Estado.



**ACESSE O QR CODE E VEJA
O QUE ESTAMOS FAZENDO
POR TODOS NÓS.**



GOVERNO
DO ESTADO
**RIO
GRANDE
DO SUL**

Carta do editor

Região Metropolitana puxa desenvolvimento



Guilherme Kolling
Editor-Chefe do Jornal do Comércio

Após termos fechado o giro pelo interior do Rio Grande do Sul, que em 2024 passou por Erechim (Norte), Bento Gonçalves (Serra), Rio Grande (Sul) e Santa Maria (Região Central), reunimos lideranças em Porto Alegre no dia 9 de dezembro, em reunião-almoço na Fiergs, para o último painel desta segunda temporada do projeto Mapa Econômico do Rio Grande do Sul.

A iniciativa do Jornal do Comércio se propõe a identificar as principais cadeias produtivas nas diferentes regiões do Estado, além de apontar desafios e oportunidades de desenvolvimento econômico.

Na primeira temporada, em 2023, foram identificadas mais de 80 iniciativas relevantes em solo gaúcho, que já são realidade ou que podem se transformar em novas molas propulsoras do Produto Interno Bruto (PIB) do Rio Grande do Sul. Neste segundo ano de trabalho, outras dezenas de

oportunidades para alavancar o desenvolvimento foram mapeadas.

Com a comparação de dados de um ano para outro, é possível apontar indicadores da economia do Rio Grande do Sul, mostrando, comparativamente, o estágio atual de cada região, seus avanços, aproveitamento de oportunidades bem como pontos que não deslancharam.

Além disso, cabe lembrar que o tema ambiental – que já estava no foco, considerando que buscamos retratar uma economia em transformação, em que um dos pilares é a busca por sustentabilidade – ganhou ainda mais atenção após a tragédia climática que atingiu o Estado.

Assim, dois eixos estão em destaque nos cinco capítulos do Mapa Econômico de 2024:

1) oportunidades de desenvolvimento em uma economia que se transforma em busca de mais sustentabilidade;

2) desafios para a retomada econômica do Rio Grande do Sul após as enchentes de maio.

Fechamos o Mapa Econômico do RS em 2024 com o quinto capítulo da série; seguiremos em 2025, com novos indicadores

Neste quinto conteúdo especial da série Mapa Econômico do RS deste ano, o tema volta a se impor, já que a radiografia engloba municípios extremamente afetados pelas cheias de maio, especialmente na Região Metropolitana de Porto Alegre.

Após a enchente, que deixou um rastro de destruição e problemas nos mais diversos setores, gargalos da infraestrutura pioraram, com novos problemas emergenciais a serem resolvidos.

Felizmente, há também boas notícias nesse período de retomada econômica, como a reconstrução em curso e projetos que foram mantidos.

Alguns dos maiores investimentos do Rio Grande do Sul nos últimos anos foram anunciados para localidades afetadas pelas cheias. A começar por Eldorado do Sul, que teve a maior parte do seu território devastada pela enchente, e que receberá R\$ 3 bilhões na primeira fase do projeto da Scala Data Centers, que planeja fazer uma cidade voltada à infraestrutura cada vez mais necessária ao uso da tecnologia e de novas ferramentas como a Inteligência Artificial.

A General Motors (GM) deu início a mais um ciclo de investimentos no complexo automotivo de Gravataí, onde será produzido um novo carro, com aporte de R\$ 1,2 bilhão. A CMPC, por sua vez, concluiu o projeto de melhorias

ambientais e expansão em sua planta em Guaíba, que poderá vir a produzir um tipo de celulose especial para mercados específicos.

Para além da área industrial, o setor de serviços, que puxa o PIB de Porto Alegre e região, também segue com diversas iniciativas nas áreas da saúde e inovação.

A construção civil, por sua vez, terá muito trabalho para erguer lares às milhares de famílias que perderam suas casas, além das necessárias medidas para a normalização da infraestrutura.

Nesse aspecto, outra notícia trazida por este Mapa é a multiplicação de centros logísticos junto a rodovias, especialmente na Região Metropolitana. O que se observa, mais uma vez, é a diversidade marcante da economia gaúcha, com diversos segmentos concorrendo para o desenvolvimento econômico.

Este trabalho de reportagem e jornalismo de dados mostra também a importância da visão local sobre oportunidades e desafios. O painel realizado na Fiergs reafirmou a retomada plena de operações da pista do Aeroporto Salgado Filho para esta segunda-feira, 16 de dezembro. Com a volta do funcionamento do terminal de Porto Alegre, 24 horas por dia, e o aproveitamento dos 3,2 mil metros da pista, uma série de atividades, como voos internacionais, serão reativadas.

Ainda na área de infraestrutura, o avanço de obras de saneamento básico na Região Metropolitana e no Litoral, além de melhores indicadores ambientais e de saúde, deve gerar investimentos bilionários e alavancar setores como turismo e construção civil.

Uma síntese das demandas e das possibilidades apontadas pelas lideranças ouvidas no painel e identificadas no levantamento de informações com poder público e entidades privadas está detalhada nesta edição, com o mapeamento de oportunidades e um raio-x das diversas cadeias produtivas.

O trabalho de pesquisa, cruzamento de dados e centenas de entrevistas é complementado, desta forma, com o conhecimento local. É por isso que realizamos cinco encontros regionais neste ano, um para cada macrorregião em que dividimos o Estado.

A tarefa de radiografar a diversa economia gaúcha é ambiciosa, mas enfrentamos este desafio porque está em linha com o trabalho do JC, o diário de economia e negócios do Rio Grande do Sul.

Seguiremos com essa tarefa em 2025. Com mais dados, será possível cruzar novas informações e trazer mais indicadores da economia do Rio Grande do Sul, tão importantes para um diagnóstico de onde estamos e para poder planejar onde queremos chegar.

Boa leitura!

EXPEDIENTE

Editor-Chefe:
Guilherme Kolling
guilhermekolling@jornaldocomercio.com.br

Editor-executivo:
Mauro Belo Schneider
mauro.belo@jornaldocomercio.com.br

Editora de Economia:
Fernanda Crancio
fernanda.crancio@jornaldocomercio.com.br

Reportagem:
Eduardo Torres
eduardo.torres@jcrs.com.br

Diagramação:
Ingrid Müller
Gustavo Van Ondheusden

ÍNDICE

Dados sobre a população das regiões	página 6	Polo Petroquímico de Triunfo e Refap	página 22
Informações sobre o PIB das regiões	páginas 8 a 12	Usina de biometano e novos combustíveis	página 23
Data centers colocam RS no caminho da IA	páginas 14	Saneamento básico reduz emissões	página 24
Ambientes de inovação ajudam na retomada	página 15	Desafios e oportunidades no varejo	página 25
Um mapa de oportunidades	páginas 16 e 17	O crescimento da população nas praias	página 26
Guaíba e investimentos em celulose e logística	páginas 18	Produção de frutas no Litoral Norte	página 27
Gravataí, GM e o setor metalmeccânico	página 19	Multiplicação de grandes centros logísticos	página 28
A indústria calçadista no Vale do Sinos	página 20	Investimentos na área da saúde	página 29
Obras na BR-116 e projetos em Novo Hamburgo	página 21	Quem passou pelo evento do Mapa na Capital	páginas 30 e 31



Investindo no *futuro do Rio Grande* com transparência, diversidade e impacto ambiental positivo.

*Construir hoje um
amanhã sustentável
para as novas gerações.
Esse é o nosso legado.*

A **Corsan** faz parte da **Aegae**, grupo líder mundial em ESG no setor de saneamento*. Nós acreditamos que o futuro se constrói com responsabilidade e ética, por isso, integramos os princípios ESG em tudo que fazemos.

Sustentabilidade Ambiental:

reduzimos o impacto ambiental de nossas operações, investimos em energias renováveis e promovemos o uso consciente da água.

Governança Corporativa:

prezamos pela gestão transparente, eficiente e ética, sempre atentos a todos os stakeholders.

Responsabilidade Social:

valorizamos nossos colaboradores, construímos um ambiente de trabalho plural e diverso, e apoiamos iniciativas sociais que contribuem para o desenvolvimento nas comunidades onde atuamos.

corsan.com.br

Nossa natureza
movimenta *o Rio Grande.*

 **CORSAN**^{ae}

Regiões Metropolitana, Vale do Sinos e Litoral concentram população do RS

As 10 maiores populações

Município	População (Censo 2022)
1º Porto Alegre	1.332.570
2º Canoas	347.657
3º Gravataí	265.070
4º Novo Hamburgo	227.732
5º Viamão	224.116
6º São Leopoldo	217.410
7º Alvorada	187.315
8º Cachoeirinha	136.258
9º Sapucaia do Sul	132.107
10º Guaíba	92.924

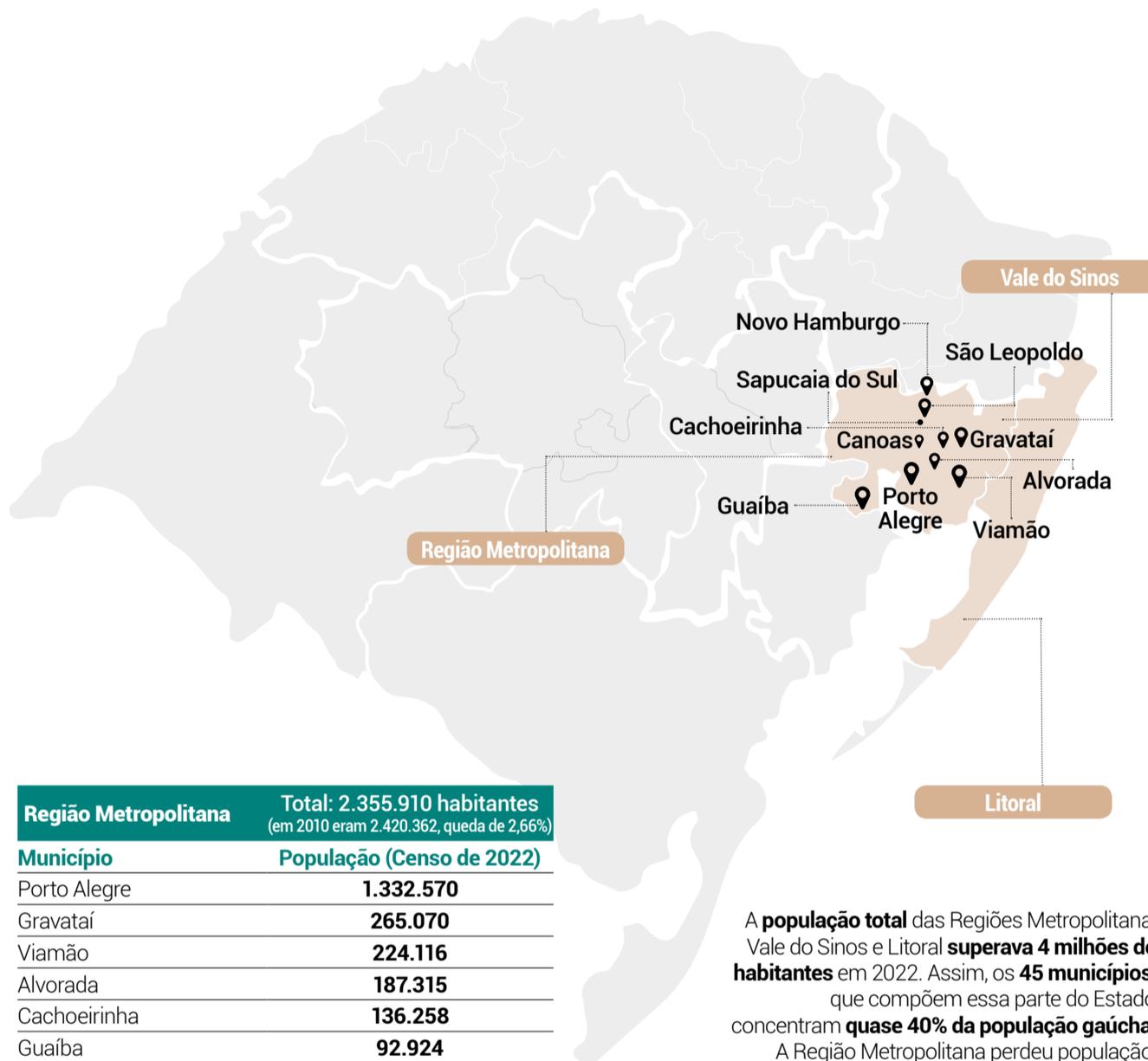
FONTE: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE)

Vale do Sinos Total: 1.332.890 habitantes
(em 2010 eram 1.290.417, alta de 3,29%)

Município	População (Censo de 2022)
Canoas	347.657
Novo Hamburgo	227.732
São Leopoldo	217.410
Sapucaia do Sul	132.107
Esteio	76.137
Sapiranga	75.648
Campo Bom	62.886
Estância Velha	47.912
Portão	34.072
Dois Irmãos	30.709
Nova Santa Rita	29.024
Ivoti	22.983
Nova Hartz	20.088
Araricá	8.525

Litoral Total: 372.615 habitantes
(em 2010 eram 296.083, alta de 25,8%)

Município	População (Censo de 2022)
Capão da Canoa	63.594
Tramandaí	54.387
Osório	47.400
Torres	41.751
Imbé	26.824
Cidreira	17.071
Xangri-Lá	16.463
Balneário Pinhal	14.955
Palmares do Sul	12.844
Mostardas	12.090
Arroio do Sal	11.057
Três Cachoeiras	10.962
Terra de Areia	10.286
Maquiné	7.418
Caraá	7.360
Capivari do Sul	3.991
Mampituba	3.131
Morrinhos do Sul	3.071
Três Forquilhas	2.760
Itati	2.638
Dom Pedro de Alcântara	2.562



Região Metropolitana Total: 2.355.910 habitantes
(em 2010 eram 2.420.362, queda de 2,66%)

Município	População (Censo de 2022)
Porto Alegre	1.332.570
Gravataí	265.070
Viamão	224.116
Alvorada	187.315
Cachoeirinha	136.258
Guaíba	92.924
Santo Antônio da Patrulha	42.942
Eldorado do Sul	39.559
Triunfo	27.498
Glorinha	7.658

A **população total** das Regiões Metropolitana, Vale do Sinos e Litoral **superava 4 milhões de habitantes** em 2022. Assim, os **45 municípios** que compõem essa parte do Estado concentram **quase 40% da população gaúcha**.

A Região Metropolitana perdeu população, considerando os dois últimos Censos, de 2010 e 2022. Por outro lado, o **Litoral registra um expressivo crescimento** de 25,8% no período. E a tendência é de que tenha recebido ainda mais habitantes após pandemia e enchentes de maio.



TÂNIA MEINERZ/JC

Capital do Rio Grande do Sul, Porto Alegre segue sendo a cidade gaúcha mais populosa, com 1,3 milhão de habitantes



CONSTRUINDO TRADIÇÃO, ENTREGANDO TRANSFORMAÇÃO.

TM/DFV



Há 90 anos, estamos presentes nas obras, edifícios, indústrias, estradas, lavouras e no solo. Celebramos o trabalho dos profissionais de Engenharia, Agronomia e Geociências que constroem, reconstróem e transformam o nosso Rio Grande. Nosso maior presente é contribuir para a qualidade de vida dos gaúchos.



CREA-RS
Conselho Regional de Engenharia
e Agronomia do Rio Grande do Sul

Conjuntura

Região Metropolitana lidera,
mas perde espaço no PIB

Área perdeu 4 pontos percentuais de participação no Produto Interno Bruto do RS

Eduardo Torres

eduardo.torres@jcrs.com.br

A primeira edição do Mapa Econômico do Rio Grande do Sul, em 2023, retratou transformações populacionais do Estado. A comparação dos dados do Censo do IBGE entre 2010 e 2022 mostrou mudanças, com destaque para o crescimento do número de habitantes na região do Litoral.

Nesta segunda temporada do Mapa, em 2024, os dados mais recentes das populações dos 497 municípios gaúchos estão novamente presentes.

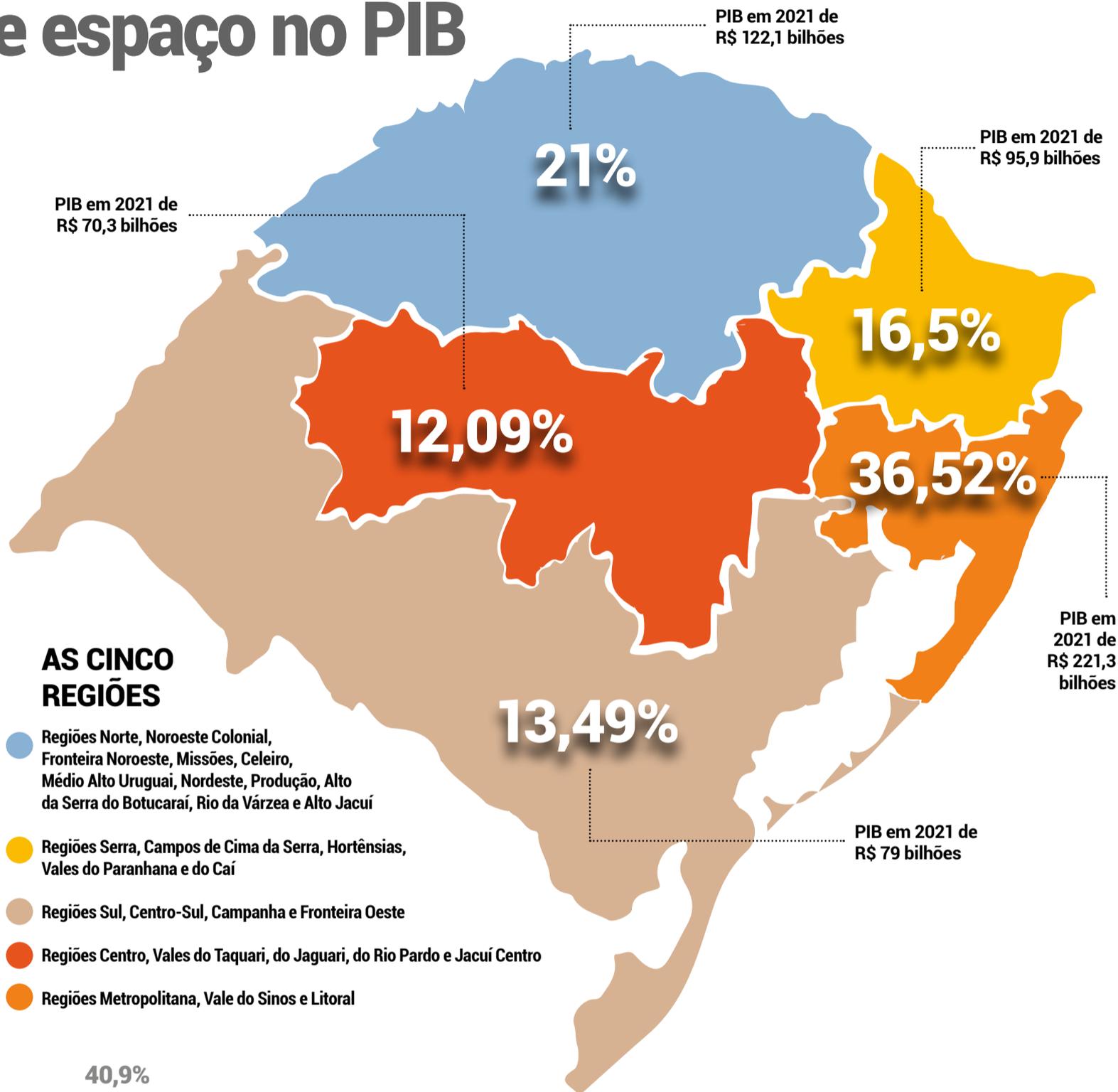
A novidade, nos especiais deste ano, é que a análise traz a evolução dos PIBs municipais e regionais (os das Regiões Metropolitana, Vale do Sinos e Litoral estão detalhados nas próximas páginas) no comparativo entre 2020 e 2021, dados mais recentes do IBGE.

De um ano para outro, houve crescimento de 23,4% no PIB do Rio Grande do Sul, passando de R\$ 470,94 bilhões no ano de 2020 para R\$ 581,28 bilhões em 2021.

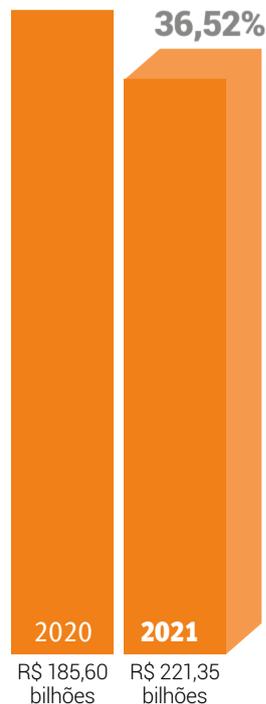
Percebe-se maior capilaridade de valores no Interior, reflexo direto de um ano (2021) em que houve supersafra de soja no Rio Grande do Sul. As participações regionais no PIB tiveram importantes transformações, especialmente onde o agro tem papel de protagonismo. Destaque para o Valor Adicional Bruto (VAB) Agropecuário, que teve elevação de 107,4%, enquanto no VAB Industrial foi de 27,2%.

Neste contexto, as regiões Metropolitana, Vale do Sinos e Litoral, mesmo com crescimento de R\$ 35,7 bilhões de um ano para outro, passaram a representar 36,52% do PIB gaúcho, redução de 4,4 pontos percentuais entre 2020 e 2021.

Ainda assim, é uma área que concentra a população e a riqueza do Estado, com municípios especialmente importantes para indústria e serviços.

AS CINCO
REGIÕES

- Regiões Norte, Noroeste Colonial, Fronteira Noroeste, Missões, Celeiro, Médio Alto Uruguai, Nordeste, Produção, Alto da Serra do Botucaraí, Rio da Várzea e Alto Jacuí
- Regiões Serra, Campos de Cima da Serra, Hortênsias, Vales do Paranhana e do Caí
- Regiões Sul, Centro-Sul, Campanha e Fronteira Oeste
- Regiões Centro, Vales do Taquari, do Jaguari, do Rio Pardo e Jacuí Centro
- Regiões Metropolitana, Vale do Sinos e Litoral

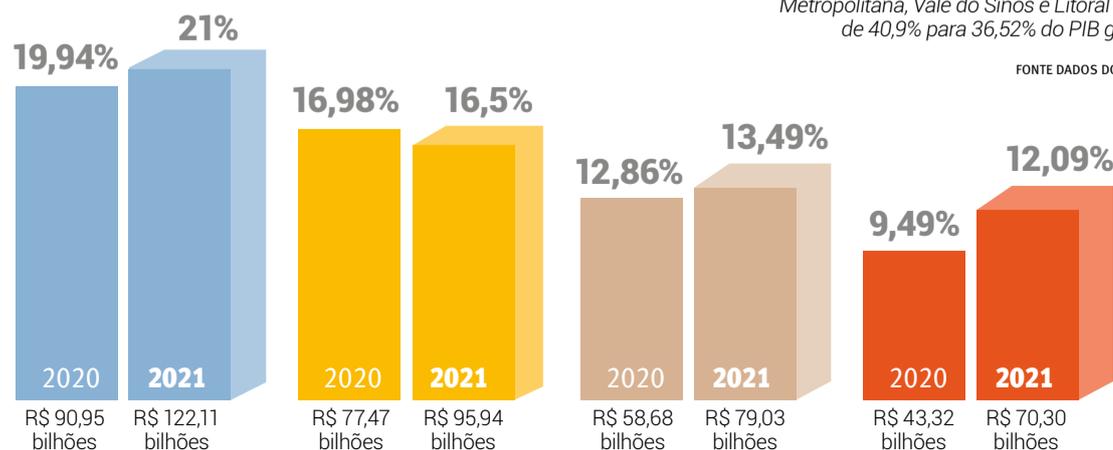
40,9%
36,52%

Participação de regiões no PIB do RS

- PIB total do RS em 2020: R\$ 470,94 bilhões
- PIB total do RS em 2021: R\$ 581,28 bilhões

Embora o PIB de todas as regiões tenha crescido de 2020 para 2021 (período que engloba o auge da pandemia e a recuperação econômica), a participação no PIB total do Estado se alterou. As Regiões Metropolitana, Vale do Sinos e Litoral caíram de 40,9% para 36,52% do PIB gaúcho.

FONTE DADOS DO PIB: IBGE



Vem aí um novo ano para viver o natural.

Acreditamos que viver o natural é valorizar o que a natureza nos oferece, respeitar o meio ambiente e cultivar escolhas sustentáveis no nosso dia a dia. Em 2025, queremos inspirar você a se conectar com o que é essencial, para aproveitar cada momento ao ar livre e fazer parte de um futuro mais verde.

- Viva o sol
- Viva o canto dos pássaros
- Viva o contato com a terra
- Viva as ondas no mar
- Viva o ar fresco
- Viva 2025.

VIVA
O NATURAL
cmpc 

Aponte a câmera do seu celular e assista ao nosso filme.



Acompanhe as nossas redes sociais:



Saiba mais em www.cmpcbrasil.com.br



Conjuntura

A maior fatia do PIB do Rio Grande do Sul

Produto Interno Bruto das Regiões Metropolitana, Vale do Sinos e Litoral cresce, mas proporcionalmente perde espaço no total do RS

O Produto Interno Bruto (PIB) das Regiões Metropolitana, Vale do Sinos e Litoral é o mais representativo, considerando as cinco regiões que formam o Mapa Econômico do RS. A soma das riquezas constitui 36,52% do PIB gaúcho.

Destaque para as Regiões Metropolitana e Vale do Sinos, que são, respectivamente, a primeira e segunda colocadas no ranking de PIBs dos 28 Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes) do Estado. Somadas, elas representam 34,49% do PIB gaúcho. O Litoral agrega outros 2,03%.

Essa parte do Rio Grande do Sul cresceu entre 2020 e 2021, mas diminuiu sua fatia no todo do PIB gaúcho.

Participação de cada microrregião (Corede) no PIB do Rio Grande do Sul

■ REGIÃO METROPOLITANA:

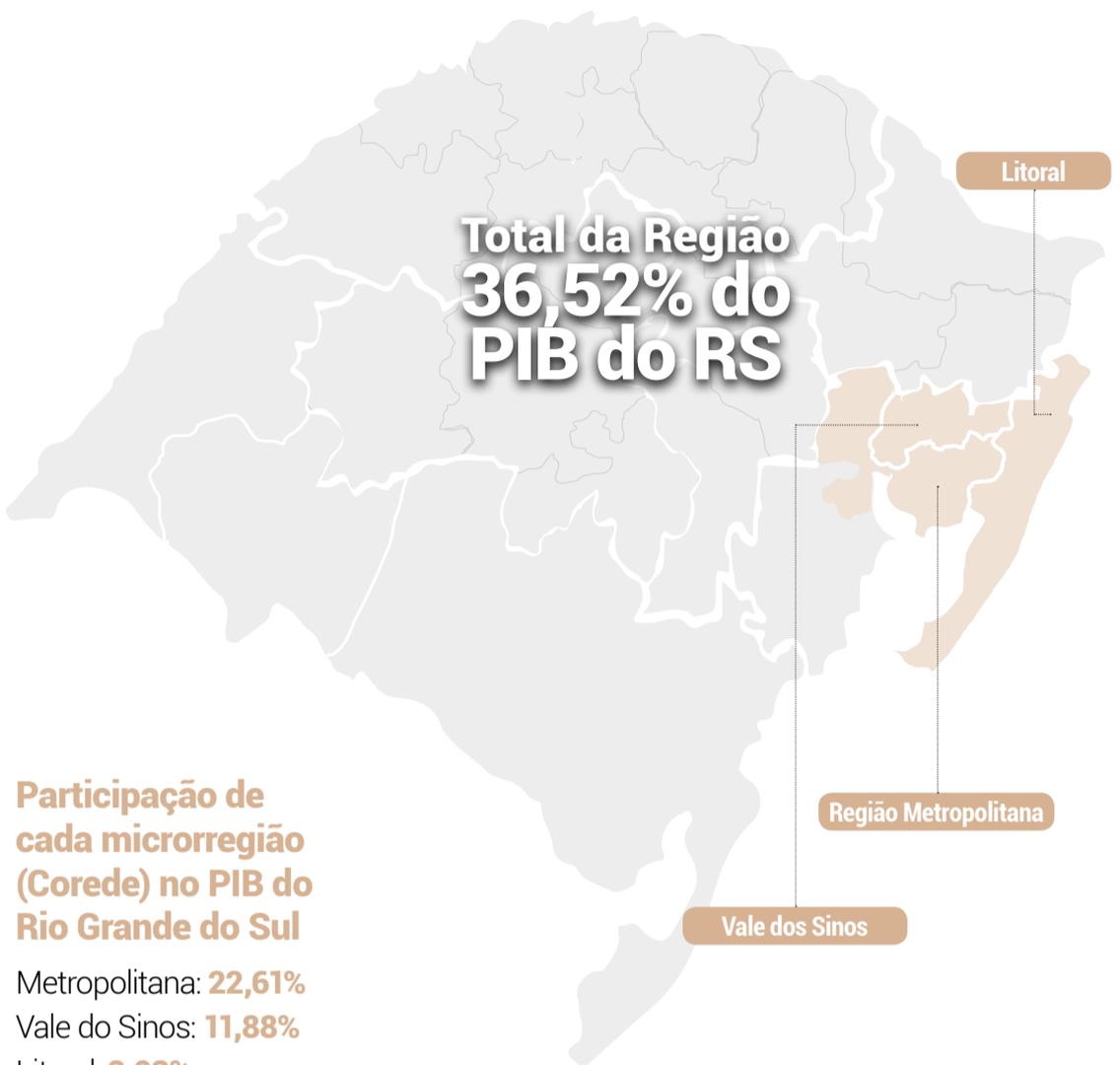
R\$ 131.450.070.517 (valor cresceu 13,5% em relação a 2020), representa 22,61% do PIB do RS em 2021

■ VALE DO SINOS

R\$ 69.094.654.247 (valor cresceu 16,61% em relação a 2020), representa 11,88% do PIB do RS em 2021

■ LITORAL

R\$ 11.811.339.332 (valor cresceu 15,95% em relação a 2020), representa 2,03% do PIB do RS em 2021



Participação de cada microrregião (Corede) no PIB do Rio Grande do Sul

Metropolitana: **22,61%**

Vale do Sinos: **11,88%**

Litoral: **2,03%**

Conteúdo produzido pelo

Núcleo-i
Conteúdo multimídia patrocinado

para RS Saúde

RS Saúde revoluciona a gestão de benefícios empresariais no Estado

Em um cenário de custos crescentes no setor de saúde suplementar, empresas enfrentam dificuldades para equilibrar a oferta de benefícios com a sustentabilidade financeira. É nesse ambiente desafiador que a RS Saúde surge como uma referência em gestão de benefícios.

Com mais de duas décadas de experiência, a empresa ajuda grandes corporações a transformar a saúde em um ativo estratégico, combinando redução de custos com melhoria na qualidade de vida dos colaboradores. “Nosso objetivo é oferecer soluções que vão além do tradicional. Queremos que as empresas vejam os benefícios de saúde como parte essencial de sua estratégia de negócios, e não apenas como um custo”, afirma Christopher Roessler, sócio da RS Saúde.

A saúde suplementar representa, em média, o segundo maior custo das empresas com pessoal, ficando atrás apenas da folha de pagamento. Esse peso financeiro, agravado pelos reajustes baseados no VCMH (Variação de Custos Médicos e Hospitalares), torna a ges-

tão dos benefícios um verdadeiro desafio para dirigentes e gestores.

A RS Saúde entende que não se trata apenas de reduzir despesas, mas de criar um modelo sustentável que alie prevenção, eficiência operacional e qualidade no atendimento. “A lógica precisa mudar: saúde deve ser tratada como um investimento, e não como um gasto”, explica Roessler.

A RS Saúde atua em diversas frentes para oferecer soluções personalizadas e estratégicas. Entre os principais serviços, estão: autogestão de planos de saúde, programas de atenção à saúde e diagnósticos e projeções operacionais.

O serviço de autogestão de planos é uma alternativa eficiente e econômica aos planos tradicionais de mercado. Nesse modelo, a empresa paga apenas pelos custos efetivamente utilizados pelos beneficiários, eliminando margens de lucro das operadoras. O resultado é uma economia de até 30% nos custos assistenciais. “A autogestão é ideal para empresas que desejam maior controle e flexibilidade. Nossa equipe cuida de tudo: credenciamento da rede, auditoria de

contas e regulação médica, garantindo eficiência e qualidade”, detalha Roessler.

Nos programas de atenção à saúde, a RS Saúde atende às necessidades dos colaboradores, com foco em prevenção e acolhimento. As gestantes recebem acompanhamento desde o pré-natal até o pós-parto, promovendo saúde para mãe e bebê. Quem tem doenças crônicas ganha acompanhamento para reduzir agravos e custos desnecessários. Há, ainda, o check-up executivo, com rastreamento precoce de doenças em líderes e gestores, aumentando a percepção de cuidado e evitando complicações futuras.

O serviço de diagnósticos e projeções operacionais usa inteligência artificial e análise preditiva. “Nossa abordagem vai além dos números. Trabalhamos com dados reais para gerar ações que impactam diretamente o resultado final”, afirma Roessler.

A inovação, aliás, é um dos pilares da RS Saúde. A empresa utiliza tecnologia de ponta para oferecer previsões precisas e soluções sob medida.



RS Saúde cria modelo que alia prevenção e atendimento



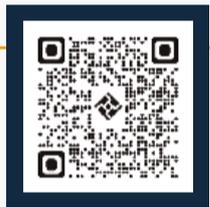
LAMB

ENGENHARIA E CONSTRUÇÃO

Construir **relações,** potencializar **soluções.**

Desde de 1986, a **Lamb Engenharia e Construção** oferece para os seus clientes nacionais e multinacionais as melhores soluções em engenharia no segmento industrial, comercial e corporativo.

APONTE A CÂMERA DO SEU CELULAR PARA O QR CODE E CONFIRA O NOSSO VÍDEO INSTITUCIONAL:



lamb.eng.br

Instagram: [@lamb_engenharia](https://www.instagram.com/lamb_engenharia)

Facebook: [/lambengenharia](https://www.facebook.com/lambengenharia)

Conjuntura

Regiões concentram mais de um terço do PIB gaúcho

Municípios das Regiões Metropolitana, Vale do Sinos e Litoral despontam na geração de riquezas no Rio Grande do Sul. O crescimento do PIB das maiores economias é desigual – Triunfo e Guaíba puxaram a elevação, de acordo com o dado mais recente divulgado pelo IBGE.

10 maiores PIBs por município neste recorte do Mapa Econômico do RS

Município	PIB em 2020	PIB em 2021	Variação
1º Porto Alegre	R\$ 76.074.563.081	R\$ 81.562.848.096	+7,21%
2º Canoas	R\$ 18.466.102.707	R\$ 21.995.362.273	+19,04%
3º Triunfo	R\$ 7.214.240.110	R\$ 12.982.385.912	+79,95%
4º São Leopoldo	R\$ 9.793.530.274	R\$ 10.855.366.220	+10,84%
5º Gravataí	R\$ 10.640.983.010	R\$ 10.261.618.287	-3,56%
6º Novo Hamburgo	R\$ 9.282.359.816	R\$ 10.037.888.753	+8,13%
7º Guaíba	R\$ 5.826.460.006	R\$ 8.284.803.998	+42,19%
8º Cachoeirinha	R\$ 5.638.690.685	R\$ 6.458.475.921	+14,53%
9º Viamão	R\$ 4.231.150.191	R\$ 4.335.050.249	+2,45%
10º Sapucaia do Sul	R\$ 3.493.976.706	R\$ 4.204.060.026	+20,32%

VALE DO SINOS

R\$ 69.094.654.247 (dados de 2021, representa 11,88% do PIB do RS naquele ano)

Município	PIB em 2020	PIB em 2021
Canoas	R\$ 18.466.102.707	R\$ 21.995.362.273
São Leopoldo	R\$ 9.793.530.274	R\$ 10.855.366.220
Novo Hamburgo	R\$ 9.282.359.816	R\$ 10.037.888.753
Sapucaia do Sul	R\$ 3.493.976.706	R\$ 4.204.060.026
Esteio	R\$ 3.341.531.910	R\$ 3.749.877.538
Sapiranga	R\$ 3.183.264.368	R\$ 3.615.583.801
Campo Bom	R\$ 3.086.839.079	R\$ 3.600.067.716
Nova Santa Rita	R\$ 1.916.838.482	R\$ 2.487.514.533
Dois Irmãos	R\$ 1.948.546.041	R\$ 2.188.540.309
Estância Velha	R\$ 1.542.697.876	R\$ 1.875.488.235
Portão	R\$ 1.309.518.867	R\$ 1.662.397.789
Ivoti	R\$ 979.022.025	R\$ 1.180.382.668
Nova Hartz	R\$ 702.231.998	R\$ 805.694.098
Araricá	R\$ 204.299.190	R\$ 236.430.288

REGIÃO METROPOLITANA

R\$ 131.450.070.517 (dados de 2021, representa 22,61% do PIB do RS naquele ano)

Município	PIB em 2020	PIB em 2021
Porto Alegre	R\$ 76.074.563.081	R\$ 81.562.848.096
Triunfo	R\$ 7.214.240.110	R\$ 12.982.385.912
Gravataí	R\$ 10.640.983.010	R\$ 10.261.618.287
Guaíba	R\$ 5.826.460.006	R\$ 8.284.803.998
Cachoeirinha	R\$ 5.638.690.685	R\$ 6.458.475.921
Viamão	R\$ 4.231.150.191	R\$ 4.335.050.249
Alvorada	R\$ 3.082.951.692	R\$ 3.302.247.510
Eldorado do Sul	R\$ 1.782.166.444	R\$ 2.120.258.236
Santo Antônio da Patrulha	R\$ 1.402.886.738	R\$ 1.680.497.230
Glorinha	R\$ 276.220.490	R\$ 461.885.078

De uma maneira geral, houve **crescimento do Produto Interno Bruto (PIB)** dos 45 municípios das Regiões Metropolitana, Vale do Sinos e Litoral. Vale lembrar que o recorte compara 2020, ano do início e auge da pandemia de coronavírus, com 2021, quando ocorreu uma recuperação. **Há exceções, como o caso de Gravataí**, que foi fortemente afetada pela paralisação das atividades da General Motors (GM), que suspendeu a fabricação de novos veículos por algum tempo naquele ano, afetando o PIB municipal de 2021.

LITORAL

R\$ 11.811.339.332 (dados de 2021, representa 2,03% do PIB do RS naquele ano)

Município	PIB em 2020	PIB em 2021
Capão da Canoa	R\$ 1.702.044.882	R\$ 1.966.012.453
Osório	R\$ 1.695.496.567	R\$ 1.819.024.118
Torres	R\$ 1.242.675.665	R\$ 1.382.097.497
Tramandaí	R\$ 1.152.152.451	R\$ 1.234.543.525
Palmares do Sul	R\$ 565.516.757	R\$ 735.603.359
Xangri-Lá	R\$ 622.136.404	R\$ 733.150.579
Mostardas	R\$ 427.436.511	R\$ 643.322.768
Imbé	R\$ 553.506.721	R\$ 626.813.613
Capivari do Sul	R\$ 262.048.615	R\$ 386.831.966
Cidreira	R\$ 337.337.643	R\$ 362.058.551
Balneário Pinhal	R\$ 255.292.497	R\$ 312.090.673
Três Cachoeiras	R\$ 267.519.066	R\$ 308.567.678
Terra de Areia	R\$ 252.458.621	R\$ 291.337.782
Arroio do Sal	R\$ 257.344.030	R\$ 285.576.804
Maquiné	R\$ 153.824.711	R\$ 190.482.717
Caraá	R\$ 142.555.994	R\$ 165.658.924
Itati	R\$ 72.408.469	R\$ 86.737.594
Morrinhos do Sul	R\$ 59.890.132	R\$ 81.464.667
Mampituba	R\$ 53.585.598	R\$ 70.213.149
Dom Pedro de Alcântara	R\$ 53.461.660	R\$ 65.532.717
Três Forquilhas	R\$ 57.843.967	R\$ 64.218.198

Dados sobre o Valor Adicionado Bruto nas regiões

O Valor Adicionado Bruto (VAB) mostra o quanto cada setor contribui dentro do que é produzido por municípios. O PIB de um município é formado pela soma do VAB dos setores e a arrecadação de impostos resultantes da produção.

VAB Serviços

Porto Alegre, a capital do Estado, consolida-se como a referência em áreas como saúde, educação e tecnologia para a Região Sul do Brasil, concentrando 34 hospitais e 43% dos médicos gaúchos, 21 faculdades, universidades e centros universitários, além de 8 polos e incubadoras tecnológicas.

1º Porto Alegre	R\$ 62,8 bilhões
2º Canoas	R\$ 10,5 bilhões
3º Novo Hamburgo	R\$ 6,4 bilhões
4º São Leopoldo	R\$ 5,9 bilhões
5º Gravataí	R\$ 5,3 bilhões
6º Cachoeirinha	R\$ 3,8 bilhões
7º Guaíba	R\$ 3,4 bilhões
8º Viamão	R\$ 3 bilhões
9º Triunfo	R\$ 2,7 bilhões
10º Alvorada	R\$ 2,5 bilhões

VAB Industrial

Canoas concentra o maior polo metalmeccânico do Rio Grande do Sul, onde se produz um quarto de todo material em metal do Estado. A produção industrial destaca-se ainda pela relevância da Refinaria Alberto Pasqualini (Refap).

1º Canoas	R\$ 8,4 bilhões
2º Triunfo	R\$ 7,2 bilhões
3º Porto Alegre	R\$ 6,6 bilhões
4º Gravataí	R\$ 3,3 bilhões
5º São Leopoldo	R\$ 2,6 bilhões
6º Novo Hamburgo	R\$ 2,3 bilhões
7º Guaíba	R\$ 1,8 bilhão
8º Sapiranga	R\$ 1,5 bilhão
9º Cachoeirinha	R\$ 1,4 bilhão
10º Sapucaia do Sul	R\$ 1,4 bilhão

VAB Agrícola

Destacam-se no ranking os municípios produtores de arroz, também com avanço de soja, em um ano de supersafra, entre a Região Metropolitana e o Litoral Norte. Mostardas e Viamão quase duplicaram o valor adicionado pelo agro. Novidade no levantamento é Triunfo, que mais do que dobrou o valor em relação a 2020. Município destaca-se na produção florestal, criação de gado e também na soja.

1º Mostardas	R\$ 348,8 milhões
2º Viamão	R\$ 239,2 milhões
3º Triunfo	R\$ 186,2 milhões
4º Eldorado do Sul	R\$ 183,1 milhões
5º Santo Antônio da Patrulha	R\$ 182,2 milhões
6º Palmares do Sul	R\$ 171,6 milhões
7º Capivari do Sul	R\$ 152,9 milhões
8º Guaíba	R\$ 68,9 milhões
9º Osório	R\$ 62,4 milhões
10º Caraá	R\$ 54,8 milhões

Seja uma associada CDL POA!

Conheça os nossos benefícios exclusivos para acelerar o crescimento do seu negócio.



-  **Networking:** eventos exclusivos focados em inovação e troca de experiências.
-  **Negócios:** soluções customizadas para aumentar seus resultados.
-  **Formação:** faculdade exclusiva para o comércio e cursos especializados.
-  **Educação:** iniciativas de educação financeira para a população gaúcha.
-  **Exclusividade:** acesso a informações econômicas, pesquisas de mercado e dados estratégicos.
-  **Representatividade:** conte com uma entidade que atua fortemente junto ao poder público, defendendo os interesses dos empresários gaúchos.



Aponte a câmera para o QR Code e saiba mais!



@cdlpoa | cdlpoa.com.br

 **CDL** POA

Inovação

Data centers colocam o RS no caminho da IA

Projeto da Scala Data Centers em Eldorado do Sul prevê infraestrutura para transição digital e aporte de R\$ 3 bilhões

Eduardo Torres

O potencial da Região Metropolitana de Porto Alegre para a inovação deve ser multiplicado a partir de Eldorado do Sul, um dos municípios mais afetados pelas cheias de maio. É lá que a Scala Data Centers anuncia a criação da “cidade dos data centers”, ou da Inteligência Artificial, o Scala AI City.

Somente na primeira etapa, serão R\$ 3 bilhões para erguer o projeto com capacidade de processamento de 54 MW em dados de Inteligência Artificial e também, em menor parte, para dados em nuvem, como já acontece em outros data centers.

“O grande desafio do Brasil hoje, para avançar na transição digital, especialmente em Inteligência Artificial, é infraestrutura. Nosso negócio é a infraestrutura em data centers, portanto, investimentos a longo prazo. Sem data centers, essa mudança não

O mapa dos data centers

* São 7 data centers operando em Porto Alegre e um em projeto para ser erguido na cidade

* Um data center será inaugurado em Canoas em 2025

* Projeto de uma “cidade dos data centers” foi confirmado para Eldorado do Sul

FONTE: DATA CENTER MAP E JORNAL DO COMÉRCIO



SCALA DATACENTERS/DIVULGAÇÃO/JC

SCALA DATACENTERS/DIVULGAÇÃO/JC

Empresa tem operação na avenida Pernambuco, na Zona Norte de Porto Alegre, e prepara nova iniciativa

vai acontecer. E o que teremos em Eldorado do Sul, não tem nada igual no mundo. É uma chance de criarmos a infraestrutura para que aquilo que se tem, por exemplo, no Vale do Silício, se estabeleça aqui, como referência para a América Latina e o mundo”, aponta o vice-presidente de desenvolvimento da Scala Data Centers, Luciano Fialho.

Segundo Fialho, hoje, o treinamento, ou a evolução para algoritmos, dos processadores para Inteligência Artificial, que será a especialidade do novo empreendimento, acontece somente nos Estados Unidos. E a perspectiva é a entrada, a partir de 2025, com força da Inteligência Artificial na América Latina. Daí o objetivo de criar uma “cidade de data centers”.

A projeção dos empreendedores é, em até uma década, chegar a 5 GW de capacidade de processamento, que atenderia à atual demanda estimada para a América Latina nos próximos anos. E se houver avanços na legislação brasileira em relação ao processamento de dados estrangeiros no País, a capacidade do Scala AI City aumenta mais. São estimados até R\$ 500 bilhões aportados em caso de chegada ao máximo projetado.

Eldorado do Sul já abriga setores de desenvolvimento da Dell e de produção de equipamentos e softwares da Datacom. No entanto, o universo que se criará a partir da “cidade dos data centers”, aponta Fialho, terá um novo patamar.

“Será movimentada toda

uma cadeia de fornecedores que terão a tendência de serem atraídos para cá. Hoje, os geradores e coolers que usamos não são produzidos no Brasil. Uma empresa em São Paulo desenvolve nossos módulos de data centers. Com este projeto, vamos atrair toda uma nova cadeia produtiva para esta região onde já temos muita mão de obra qualificada”, explica Fialho.

Entre a fase de obras e de operação da primeira fase, serão 3 mil vagas de emprego. Uma área de 700 hectares já foi comprada pela Scala em Eldorado do Sul. Na primeira fase, serão usados 70 hectares com estruturas de data centers. A área total, com o avanço do projeto ao seu máximo, pode chegar a mil hectares. Fica em uma região



Vice-presidente da Scala, Fialho vê avanços em Inteligência Artificial

não atingida pelas cheias.

“Foi fundamental a disponibilidade de energia, a proximidade da Região Metropolitana, área disponível para construção horizontal, uma região bem servida por rodovias e a proximidade com um aeroporto internacional, além da mão de obra qualificada”, detalha Fialho. Outro ponto essencial é a disponibilidade hídrica, usada para a refrigeração dos equipamentos.

O potencial de energia limpa

* São 658 MW em operação entre parques eólicos nas regiões Metropolitana e Litoral Norte

* São 1,4 mil MW em fase de licenciamento para projetos eólicos onshore entre as duas regiões

* São 13 mil MW em potencial em fase de estudos para projetos eólicos offshore na costa do Litoral Norte

FONTE: SECRETARIA ESTADUAL DO MEIO AMBIENTE E INFRAESTRUTURA DO RS

Porto Alegre segue no mapa dos data centers com operações no 4º Distrito e mais projetos

Para que se tenha uma ideia da grandeza da “cidade dos data centers” em Eldorado do Sul, a capacidade instalada já na primeira fase será sete vezes superior à atual capacidade dos data centers instalados em Porto Alegre. São oito operando ou em vias de instalação na Capital, e cinco deles ficam entre o 4º Distrito e o Centro Histórico, duas das regiões mais atingidas pela cheia.

Ao menos para a Scala Data Centers, nem mesmo os três meses com a operação parada na sua instalação da avenida Pernambuco fizeram a empresa mudar a prioridade que dá à

capital gaúcha. “Não vamos rever o investimento em Porto Alegre. Ele é estratégico. O que fizemos foi investir R\$ 25 milhões para readequar as estruturas e recuperar as máquinas. É um data center com muito potencial de crescimento ainda”, garante Luciano Fialho. Na Zona Norte da Capital, a Scala opera com capacidade de 5 MW destinados a armazenamento em nuvem. Hoje, 1 MW é utilizado.

Já a V.Tal, por meio da sua subsidiária na área de data centers, Tecto, estuda mudanças no seu plano de investimentos na Capital. Eram previstos R\$ 250 milhões para um data center

com capacidade de processar 6 MW, na rua Frederico Mentz. Agora, conforme a assessoria de imprensa, estão sendo buscadas outras opções de áreas, fora da mancha de inundação.

A região contará ainda, nos próximos anos, com o data center do Quântico, em Canoas. A estrutura, no Parque Canoas de Inovação, está em fase de implantação e deve ser inaugurada em 2025, com investimento de R\$ 400 milhões iniciado em 2022. Segundo a direção da empresa, a estrutura não foi atingida nas cheias, tampouco os acessos ao local. O novo empreendimento terá capacidade

de processamento de 12 MW.

A posição do novo projeto de data centers é estratégica para a empresa e para o Estado. A futura conexão com o cabo submarino Malbec, que conecta São Paulo, Rio de Janeiro e Buenos Aires, com previsão de passar pela Capital, oferece uma vantagem competitiva ímpar, como define a Scala. A localização assegura escalabilidade, alta resiliência e continuidade operacional.

Além do cabo submarino, também estão voltadas para o Litoral Norte e a Região Metropolitana as atenções em relação à geração de energia limpa para

abastecer a operação. Hoje, há 658 MW em operação em parques eólicos entre as regiões retratadas neste capítulo do Mapa Econômico. Há, no entanto, outros 1,4 mil MW em projetos eólicos onshore em fase de licenciamento e 13 mil MW em potencial em outros nove projetos offshore ao longo do Litoral.

A cadeia de produção de equipamentos envolvidos no avanço energético gaúcho vai além de Eldorado do Sul, e inclui Gravataí, onde a WEG investe para aumentar sua capacidade de produção de transformadores de potência para classes de tensão até 230 kV.

Tecnologia

Centros de inovação buscam soluções na retomada

Complexos que abrigam startups na Região Metropolitana de Porto Alegre retomam atividades e trabalham a pleno

Um dos símbolos do ambiente inovador criado nos últimos anos na Região Metropolitana de Porto Alegre, o Instituto Caldeira, no 4º Distrito, ficou quase um mês inundado em maio. Os prejuízos, segundo o diretor executivo, Pedro Valério, chegaram a R\$ 35 milhões. Ainda assim, depois de quatro meses, quando foi possível reabrir o andar térreo do Caldeira, em setembro, Valério garantiu que nenhuma das 511 empresas vinculadas ao instituto abandonaram o projeto. Ao contrário, o engajamento foi maior.

O Instituto Caldeira é o maior hub de inovação do Estado.

Diretamente na estrutura da Zona Norte estão instaladas 130 empresas – 69 no térreo.

Já em junho, haviam sido abertas 200 novas estações de trabalho entre o segundo e o terceiro andar do prédio para realocar startups. Em março, o instituto anunciou investimento de R\$ 120 milhões para uma nova expansão, passando a ocupar a estrutura dos antigos prédios da fábrica Tecidos Guahyba, com cerca de 33 mil metros quadrados. A área total passará a 55 mil metros quadrados. A previsão, na época, era ter as primeiras ocupações na nova área no momento do South Summit 2025.

Hoje, o Rio Grande do Sul é o segundo estado com maior número de iniciativas de inovação e ciência no Brasil, e Porto Alegre é o quinto município, conforme o Atlas da Inovação. O início deste movimento de inovação que

tem agora o desafio reforçado de buscar soluções na retomada da economia da região com maior sustentabilidade e resiliência em relação às mudanças climáticas, aconteceu há exatos 21 anos, quando foi criado o Parque Científico e Tecnológico da Pucrs, o Tecnopuc.

Hoje, reunindo 300 organizações e com 180 startups abrigadas, o Tecnopuc integra desde 2018 uma aliança que reúne ainda os parques tecnológicos da Ufrgs (Zenit), com 65 empresas, e da Unisinos (Tecnosinos) – 110 empresas.

Uma rede que conta com mais de 30 hubs tecnológicos espalhados entre Porto Alegre, Região Metropolitana e Vale do Sinos. Em Novo Hamburgo, onde a Feevale já tem a sua estrutura de inovação, assim como a indústria calçadista, foi inaugurado neste ano o Centro

de Inovação Tecnológica (CIT) que, nos próximos anos, deve ter erguido um segundo núcleo no município.

“A proposta é transformar Novo Hamburgo em um laboratório aberto de inovação. É o único no Estado equipado com o FabLab Kids e espaço para a educação infantil. Nossas escolas levarão para lá, desde cedo, os seus alunos para criarmos uma cultura inovadora em todos os setores da cidade”, diz a prefeita Fátima Daudt.

A busca por soluções, e por impulsionamento das inovações locais, porém, vai além dos limites da região. No Tecnopuc já está em plena execução, a partir do investimento de R\$ 15 milhões iniciado em 2022, pela Finep, o modelo chamado Anywhere, que garante conexão com pelo menos 150 ambientes de inovação no mundo.

Centros de inovação na Região Metropolitana e no Vale do Sinos

► **Porto Alegre:** Tecnopuc, Instituto Caldeira, Zenit, Centro de Empreendimentos em Informática (CEI Ufrgs), Tecnosinos, Feevale Techpark

► **Canoas:** Parque Canoas de Inovação, Ulbratech, La Salle Tech

► **Novo Hamburgo:** Feevale Techpark, Centro de Inovação Tecnológica (CIT), Incubadora Tecnológica Liberato (ITEL)

► **São Leopoldo:** Tecnosinos, Unitec

► **Gravataí:** Pradotech

► **Tramandaí:** Incubadora Germina

► **Viamão:** Tecnopuc

► **Guaíba:** Ulbratech

► **Campo Bom:** Feevale Techpark

RECONSTRUÇÃO DO RS



O Transporte que move o Rio Grande do Sul

Em momentos desafiadores, como as enchentes que afetaram o nosso estado, o transporte de cargas mostrou sua força e resiliência.

O transporte não parou. Ele foi, e continua sendo, o eixo fundamental para a reconstrução do Rio Grande do Sul, impulsionando a economia e integrando nossa sociedade.

Reconstruir o RS é um desafio que demanda união e trabalho. O transporte de cargas, como vetor do desenvolvimento, move não apenas mercadorias, mas também a esperança e o futuro dos gaúchos.



A Força do Transporte e da Logística no RS

Panorama

Mapa aponta oportunidades para as Regiões Metropolitana, Vale do Sinos e Litoral

Conheça 16 iniciativas que já se destacam entre as atividades econômicas ou têm projetos com potencial de alavancar o desenvolvimento econômico do Rio Grande do Sul

1. INOVAÇÃO, TECNOLOGIA E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

O papel protagonista da Região Metropolitana e do Vale do Sinos na chamada "indústria de soluções", que já vem em processo de amadurecimento nesta última década, a partir das cheias e da necessidade das cidades repensarem seus rumos, ganha importância ainda maior. O South Summit, confirmado em Porto Alegre para 2025, atraiu neste ano 138 fundos internacionais, boa parte deles tendo a busca por soluções sustentáveis como pilares de investimentos. O anúncio de aporte de R\$ 3 bilhões pela Scala Data Centers para erguer em Eldorado do Sul uma cidade dos data centers representa uma oportunidade de colocar a Região Metropolitana em posição de vantagem no mapa mundial da transição digital, especialmente quando se trata do avanço da Inteligência Artificial. O projeto garante ainda maior força para a atração de data centers dedicados ao processamento de dados em nuvens, que têm no 4º Distrito, em Porto Alegre um cenário favorável, mesmo após as cheias. A região ainda é sede de importantes universidades e parques tecnológicos, além da fábrica de chips do Ceitec, que receberá investimentos para ser reativada.

2. IMPULSO PARA A ENERGIA EÓLICA

As regiões Metropolitana e Litoral estão no mapa de crescimento da geração de energia eólica pretendida pelo Estado, e que ganha ainda mais impulso com projetos como os data centers e a produção de hidrogênio verde em perspectiva. Há potencial, entre projetos onshore e offshore, de gerar 14,4 mil MW de energia a partir de parques eólicos na região, ou mais de 20 vezes a atual potência instalada.

3. A POTÊNCIA METALMECÂNICA E A INDÚSTRIA AUTOMOTIVA

Diante do cenário de mudanças na matriz energética também em relação aos combustíveis, uma vez que o setor de transportes é um dos vilões do aquecimento global, apresenta-se uma janela de oportunidades que ganha fortes investimentos na indústria pesada da Região Metropolitana e do Vale do Sinos. A General Motors (GM), por exemplo, já deu largada ao seu plano de investimentos para fabricar um novo modelo em Gravataí, com aporte de R\$ 1,2 bilhão. Em Canoas, a AGCO, fabricante de tratores, também investe nesta evolução, e, em Guaíba, há a perspectiva ainda de aportes da Toyota relacionados ao Centro de Distribuição, que passaria a receber modelos híbridos da montadora.

4. POLO DE DESENVOLVIMENTO DA AVIAÇÃO

Deve iniciar em 2025 a construção do projeto AeroCiti, em Guaíba, que, além de passar a fabricar aeronaves, pretende, nos próximos anos, tornar o município uma referência no desenvolvimento de tecnologias relacionadas à aviação. Tema latente durante a inundação, que fechou o Aeroporto Salgado Filho – reativado plenamente hoje –, a potencialização deste polo pode representar reforço às iniciativas por aeroportos regionais.

5. CADEIA PRODUTIVA DA CELULOSE E A SILVICULTURA

No ano em que anunciou o maior investimento privado já feito no Rio Grande do Sul, a CMPC também deu início à operação plena da planta em Guaíba, em um modelo mais moderno e sustentável, o BioCMPC, que tem possibilitado recordes de produção de celulose e de redução de poluentes. A multinacional indica que a produção a partir de Guaíba será reforçada com a futura operação da segunda planta, em Barra do Ribeiro. Mesmo representando um dos principais ativos do Estado na exportação, o ciclo positivo da CMPC impulsiona a produção de papel na região e a silvicultura, também dedicada à extração de resinas no Litoral.

6. CADEIA PETROQUÍMICA AVANÇA NA DESCARBONIZAÇÃO

Dois dos principais complexos industriais da região, Triunfo e Canoas, têm a produção petroquímica e a refinaria como grandes contribuintes da economia local. Para seguir fortalecida, a cadeia vive um momento de renovação, com investimentos crescentes em processos e produtos mais sustentáveis.

7. O PRESTÍGIO DO SETOR COUREIRO-CALÇADISTA

Na trilha pelo avanço da rastreabilidade sustentável dos seus produtos, o Vale do Sinos assume cada vez mais papel de liderança entre as indústrias do calçado e do couro no Brasil. A região lidera no número de empresas e de empregos no setor entre as regiões produtivas do Brasil. É também uma das mais destacadas na exportação. E uma das explicações está neste avanço sustentável. Conforme a Abicalçados, 70% das 101 empresas hoje certificadas pelo Programa Origem Sustentável são gaúchas.

8. ALIMENTOS, BEBIDAS E UTENSÍLIOS

Na região que concentra quase 40% da população gaúcha, a produção de alimentos, bebidas e de utensílios de primeira necessidade tem espaço nobre e reconhecido pelo consumidor muito além dos limites regionais. Com os movimentos internos de migração da população a partir das cheias e com o possível redesenho construtivo de algumas cidades, há oportunidades para novos investimentos neste setor. É o que faz, por exemplo, a Coca-Cola Femsa, que aporta pelo menos R\$ 600 milhões na retomada da sua produção em Porto Alegre, após ter sido tomada pela água em maio, ou a Bimbo, fabricante de pães em Gravataí, que prospecta o novo perfil do consumidor entre os arredores da Capital e do Litoral.





9. O AGRO QUE FAZ A DIFERENÇA

A produção de arroz das regiões Metropolitana e Litoral é marcada pelos diferenciais no mercado, seja pelo maior cultivo de arroz orgânico do País ou pelo produto reconhecido pelo selo de qualidade próprio, do "arroz do litoral". Há ainda a produção de frutas, especialmente banana e abacaxi, que servem de base para a cadeia industrial de doces da região.

10. PRODUÇÃO DE NOVOS COMBUSTÍVEIS

Mesmo com alto potencial para a produção de biogás nas regiões de produção rural, a oportunidade para o início do ciclo de produção de biometano, a partir do refino do biogás, surge entre a Região Metropolitana e o Vale do Sinos. Estão nessas regiões as duas primeiras plantas industriais que processarão o GNR no Estado. Também na região, mas na Capital, ganha espaço a produção de hidrogênio verde a partir de água para servir como base à produção de combustível verde para a aviação.

11. HIDROVIA É CAMINHO PARA AS EXPORTAÇÕES

Avança o projeto para construção do Porto Meridional, em Arroio do Sal, no Litoral, com investimento de R\$ 1,2 bilhão na primeira fase da iniciativa que, em sua plenitude, deve atrair R\$ 6 bilhões em investimentos e movimentar 53 milhões de toneladas de cargas. Será uma oportunidade para transformar a economia da região e abrir mais uma porta do Estado para o exterior. É o que já acontece com a hidrovia interna, que tem na Região Metropolitana o seu eixo mais forte. A maior parte das exportações de Porto Alegre, Triunfo e Guaíba, por exemplo, é escoada por água.

12. CONSTRUÇÃO CIVIL EM ALTA

Poderia ser chamada de indústria da reconstrução. No pós-cheia, o setor da construção civil está em alta, que, preveem os empresários, deve perdurar por pelo menos dois anos, a partir de uma série de obras estruturais demandadas nas regiões mais atingidas pela inundação. Somente em obras de contenção às cheias, são projetados R\$ 6,5 bilhões em investimentos públicos. E há ainda o aquecimento do mercado imobiliário nas regiões Metropolitana, Vale do Sinos e, especialmente, Litoral, que viveu, durante as cheias, mais um boom populacional.

13. SANEAMENTO E RODOVIAS

Entre os investimentos estruturais que resultarão em ganhos importantes para a economia da região nos próximos anos estão os avanços em relação ao tratamento de esgoto e distribuição de água que, nos últimos dois anos, representam quase R\$ 300 milhões em investimentos da Aegea/Corsan entre as Regiões Metropolitana e Litoral, e as obras de melhorias de rodovias fundamentais para a produção e a circulação de pessoas nas regiões. São projetados até R\$ 4,7 bilhões em investimentos entre rodovias federais e estaduais nos próximos anos.

14. CENTROS LOGÍSTICOS AVANÇAM

O risco de isolamento provocado pela inundação de maio acendeu o alerta das empresas do setor de logística para aumentarem ainda mais a sua capilarização ao redor da Região Metropolitana, onde se concentra a maior parte dos destinos das cargas e compras. Cidades como Gravataí, Guaíba e Nova Santa Rita serão ainda mais fortalecidas pelos investimentos do setor nos próximos anos.

15. POLO DE SAÚDE E SERVIÇOS

O polo de saúde da Região Metropolitana, que já tem os serviços como um diferencial, inclusive atratando pacientes de outras regiões do País, agora também abre as portas para o potencial econômico da indústria do setor. A formação de pelo menos dois hubs, em Viamão e Guaíba, está no horizonte.

16. A RETOMADA DO TURISMO

Diretamente atingido pelas cheias, o setor do turismo reinventa-se nas regiões. Com o mote dos 200 anos da imigração alemã, o Vale Germânico, que reúne nove municípios do Vale do Sinos, diversifica seus roteiros. No Litoral, onde as praias são naturalmente um atrativo, a diversidade também está sendo buscada, com as lagoas e a atração de esportes náuticos para a região. A reabertura do Aeroporto Salgado Filho foi decisiva para reavivar o turismo de negócios e eventos entre Porto Alegre e a região.

Reportagem Especial

Guaíba cresce com celulose, logística e espera a Toyota

FABIANO LUCIETTO PANIZZI/DIVULGAÇÃO/JC



CMPC concluiu projeto de melhorias ambientais em fábrica de Guaíba, que teve expansão da produção

Expectativa é por aporte no Centro de Distribuição da montadora japonesa; empreendimentos não diminuíram após cheias

Eduardo Torres

A onda de novos investimentos em Guaíba não desacelerou, mesmo após as cheias de maio. Para 2025, é esperado pelo município a confirmação de que a Toyota investirá na ampliação do seu Centro de Distribuição (CD), que serve como porta de entrada para os veículos produzidos pela montadora na Argentina.

Com o novo aporte, a intenção é de que dois novos modelos da Toyota, pelo menos um deles híbrido, sejam finalizados no município antes de entrarem no mercado brasileiro.

“A Toyota divide com a CMPC as maiores arrecadações do município. Estamos otimistas porque a confiança dos grandes investimentos que estavam previstos para Guaíba foi mantida”, diz o prefeito Marcelo Maranata.

A expectativa é que Guaíba, com o sétimo maior PIB entre as regiões retratadas neste recorte do Estado, mas fora dos 10

maiores PIBs gaúchos em 2021, chegue à quinta maior economia do Estado. E as perspectivas positivas apontam para diversos setores econômicos. Da celulose à aviação, passando pela logística e o setor de saúde.

A alta tecnologia desenvolvida pela TK Elevator também entra, com investimentos de R\$ 50 milhões em dois anos. A empresa trará para a cidade seu Centro de Pesquisa e Desenvolvimento Global. “A produção em Guaíba é estratégica. Não se trata de filial gaúcha ou brasileira. Aqui está centralizada nossa produção de elevadores da América Latina e, a partir de Guaíba, atendemos a demanda de 13 países”, diz o CEO da empresa, Paulo Manfro.

Enquanto na parte produtiva a empresa aposta na modernização dos equipamentos e da fábrica, um prédio de quatro andares é erguido para abrigar este novo centro, com obras que iniciaram neste semestre. Serão 250 pessoas neste local com a missão de desenvolver produtos. Hoje, já são 180 engenheiros atuando em Guaíba.

“É uma cadeia produtiva positiva para o município. Sistematizadas da TK já produzem aqui chips

e cabeamentos, por exemplo. A inovação está cada vez mais presente”, valoriza o prefeito.

A expansão projetada por Guaíba inclui a criação, em uma área de 200 hectares junto ao bairro Logradouro, da chamada “cidade industrial”, para novos empreendimentos, e que incluirá a construção de uma nova subestação de energia.

O investimento na estruturação desta área vem de financiamento recém aprovado pelo Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura (AIIB), que pode chegar a US\$ 70 milhões, e tem como principal projeto a transformação da orla de Guaíba. O projeto inclui revitalização de estruturas, um píer, hotéis e um novo centro comercial. A partir das cheias, que atingiram regiões mais populosas da cidade, como a Cohab Santa Rita, o município já investe R\$ 30 milhões em ações de desassoreamento de arroios, drenagem de canais e barreiras de contenção.

Outra frente que deve avançar em Guaíba é o projeto da empresa Aeromot chamado AeroCiti, um hub de aviação. A ideia é ter a fábrica de aviões para produção do modelo D26, da Diamond, em 2026.

Indústrias papelarias da região também investem

O ciclo positivo puxado pela CMPC traz o avanço das indústrias de papel. A própria CMPC produz papéis, mas também fornece matéria-prima para empresas como a Santher, no município de Guaíba, que deve iniciar um ciclo de investimentos para ampliar sua produção na cidade.

Já em Gravataí, a Astória, fortemente atingida pelas cheias, inicia investimento de R\$ 63 milhões na planta industrial. Além de expandir o parque e renovar a estrutura de máquinas para modernizar a produção, a empresa destinará parte do recurso a um novo sistema inovador, que terá

fontes de biomassa, além da automatização, na caldeira de geração de vapor, para aumentar eficiência com sustentabilidade.

A produção de papéis responde por menos de 1% das exportações de Gravataí, mas a Astória registrou alta de 22% nas vendas ao exterior neste ano.

CMPC puxa as exportações do município com venda de celulose

Entre os 12 municípios das Regiões Metropolitana, Vale do Sinos e Litoral Norte que figuram entre os 50 principais exportadores do Rio Grande do Sul, Guaíba foi o que registrou maior percentual de crescimento nos primeiros 10 meses do ano, em comparação com o mesmo período de 2023, de 13,8%. Entre janeiro e outubro deste ano, Guaíba foi o quinto município com maior volume de vendas ao exterior, US\$ 953,1 milhões – 90,9% em celulose e materiais de papel.

Importantes produtos na balança comercial da Região Metropolitana, como os polímeros, a partir do Polo Petroquímico de Triunfo, veículos e ferramentas sofreram quedas no período.

No caso de Guaíba, os números são resultado direto da operação da CMPC, que exporta 96% da produção. Neste ano, a multinacional anunciou o maior investimento privado da história do Rio Grande do Sul para uma nova operação, em Barra do Ribeiro. Mas se engana quem pensa que Guaíba, onde já opera a fábrica com

capacidade de produção de 2,4 milhões de toneladas por ano, perderá. “No primeiro momento, as duas unidades vão produzir a mesma celulose, mas lá para 2032, estamos avaliando a possibilidade de que a unidade de Guaíba produza um tipo de celulose especial, com alto valor agregado, que vem sendo demandado pelo mercado norte-americano. Em setembro, fizemos uma parada técnica na fábrica justamente para produzirmos 25 mil toneladas deste material em forma de teste, bem-sucedido. Estamos vislumbrando uma possibilidade real de fazermos produtos específicos para mercados específicos”, conta o diretor-geral da unidade de Guaíba da CMPC, Antonio Lacerda.

Em julho, a CMPC bateu recorde de produção mensal em Guaíba, chegando a 205,4 mil toneladas. Foi o mês em que a estrutura renovada pelo chamado BioCMPC, relacionado à sustentabilidade e que também ampliou a capacidade da planta, entrou em operação plena. “A unidade de Guaíba é de classe mundial”, diz Lacerda.

Cadeia produtiva papelaria

■ 96% da produção de celulose da CMPC em Guaíba é destinada à exportação

■ No mercado gaúcho, são pelo menos 3 grandes papelarias abastecidas (CMPC, Santher e Astória)

Silvicultura

■ Região Metropolitana tem 36,5 mil hectares (94% eucaliptos)

■ Litoral Norte tem 38,8 mil hectares (60,3% pinus, 39,7% eucaliptos)

Fonte: Ageflor

O ranking dos municípios deste recorte do Mapa Econômico do RS nas exportações

■ Porto Alegre (4º do RS): 75,9% soja, arroz, milho e trigo (-21,1% em relação a 2023 - comparação janeiro a outubro)

■ Guaíba (5º do RS): 90,9% celulose e papéis (+13,8% em relação a 2023)

■ Triunfo (6º do RS): 96% polímeros, éteres, hidrocarbonetos (-0,6% em relação a 2023)

■ Gravataí (11º do RS): 50,6% automóveis e partes de veículos (-10,5% em relação a 2023)

■ São Leopoldo (12º do RS): 51% ferramentas, aparelhos mecânicos (-9,6% em relação a 2023)

■ Canoas (15º do RS): 36% transformadores elétricos, 25,9% tratores, 22,9% óleo e coque de petróleo (-1,2% em relação a 2023)

■ Novo Hamburgo (19º do RS): 58,7% calçados e partes de calçados (-0,9% em relação a 2023)

■ Sapiranga (19ª do RS): 91,8% calçados (-9,9% em relação a 2023)

■ Dois Irmãos (37º do RS): 82,6% calçados e partes de calçados (-9,9% em relação a 2023)

■ Estância Velha (39º do RS): 56,2% couros (+2,7% em relação a 2023)

■ Esteio (43º do RS): 34,5% preparações alimentícias, 28,3% peptonas, sais e hidróxidos de amônia, 13,2% vassouras e escovas (+6,8% em relação a 2023)

■ Nova Hartz (50º do RS): 91% calçados (-14,1% em relação a 2023)

FONTE: Ministério do Comércio Exterior

Reportagem Especial

GM, indústria, centros logísticos e loteamentos movimentam Gravataí

Município atrai diversos investimentos privados que somam R\$ 2,5 bilhões em novos empreendimentos

O aeroporto Salgado Filho ainda estava fechado quando a prefeitura de Gravataí aprovou projeto para que seja construído um aeródromo. Mas, ao menos por enquanto, não se trata de uma alternativa para voos comerciais ao aeroporto da Capital.

O aeródromo, destinado a pousos e decolagens de pequenas aeronaves, faz parte do projeto de um novo loteamento de alto padrão que, em breve, deve sair do papel, nas proximidades da BR-290 (freeway).

“Existe um mercado não atendido no Rio Grande do Sul, de terrenos acima de 1,5 mil metros quadrados. São investidores paulistas que nos procuraram, apontaram o aeródromo como diferencial desse novo condomínio. Tende a ser um produto único na região e que vai atrair investimentos para a cidade”, garante o prefeito Luiz Zaffalon.

Reeleito no município que, em 2021 – ano mais recente do levantamento do PIB municipal,

pelo IBGE –, experimentou uma redução de 3,56% no PIB, como reflexo da parada na produção da General Motors (GM), durante a pandemia, Zaffalon garante que Gravataí já retomou o seu posto de quarta maior economia gaúcha, e agora vive um novo ciclo de crescimento diversificado.

Somente neste ano, o município contabiliza atração de R\$ 2,5 bilhões em investimentos privados. “Não afundamos porque não ficamos parados. Buscamos dinheiro a juro baixo e investimos em infraestrutura. Foram R\$ 250 milhões nos últimos anos e, nos próximos quatro, vamos passar de R\$ 300 milhões em investimentos próprios. Duplicamos, por exemplo, um trecho da ERS-020, e agora temos visto investimentos ali, com a WEG. E partiremos para a duplicação da ERS-030, em direção a Glorinha, onde teremos dois novos centros de distribuição. Com infraestrutura, o empresário se preocupa somente com o seu negócio”, explica o prefeito.

Geograficamente favorecida durante as cheias, Gravataí teve em torno de 5% do seu território atingido. Longe dos alagamentos, o CD das Farmácias São



Linha de montagem da fábrica da General Motors vai produzir um novo veículo a partir de 2026

João, por exemplo, às margens da freeway, que é um dos investimentos recentes recebidos, serviu de sede provisória para a Ceasa. “Tornou-se um trunfo, sem dúvida. Gravataí se mostra como um caminho para o futuro da Região Metropolitana. Desde as cheias, já foram pelo menos 10 grandes empreendimentos imobiliários que nos procuraram. A Amazon está vindo, teremos um CD da Dallasanta, teremos um segundo CD da LOG e o Magazine Luiza está ampliando seu espaço no condomínio logístico da GLP. Todo este eixo logístico que criamos justamente para diversificar a economia local está surtindo efeito”, diz Zaffalon.

É claro que a principal fatia dos investimentos de Gravataí vem do Complexo Automotivo da GM. A empresa, que responde por 50% da receita do município,

anunciou neste ano aporte de R\$ 1,2 bilhão. Entre setembro e outubro, foi dada a largada para o projeto, que resultará em novos modelos de carros saindo de Gravataí, com uma parada técnica para adaptações e melhorias nos processos da fábrica.

Por meio de sua assessoria de imprensa, a GM limita-se a informar que o resultado do projeto será “um novo veículo Chevrolet em um segmento ainda não explorado pela marca no País”, além das evoluções dos modelos Onix e Onix Plus. Especula-se que será um modelo SUV, a ser lançado em 2026. A tendência é de que o novo modelo – o terceiro a ser produzido em Gravataí –, como parte do Projeto Carbon, já virá com uma evolução do motor híbrido, a ser lançado em outro modelo em 2025.

A GM transformou ao longo

dos anos a economia de Gravataí, cujo PIB aumentou sete vezes desde a chegada da montadora.

Destaques dos setores metalmeccânico, automotivo e eletroeletrônico

- 📍 **Gravataí:** General Motors, Pirelli, WEG, Panatlântica, Digicon, Mundial
- 📍 **Canoas:** AGCO, John Deere, Midea, Dongwon Brasil, Exatron, FKS, Forjasul, Novus, Prolec
- 📍 **Sapucaia do Sul:** Gerdau
- 📍 **Guaíba:** TK Elevators, Toyota
- 📍 **Glorinha:** Acelor Mittal
- 📍 **São Leopoldo:** Taurus, Stihl
- 📍 **Alvorada:** Fundação Ciron (anunciado)
- 📍 **Dois Irmãos e Araricá:** Mahindra (opera em Dois Irmãos, vai mudar para Araricá em operação maior)

Há 55 anos, a Universidade Feevale transforma educação em crescimento, impulsionando a economia e fortalecendo a comunidade.

Seguimos juntos traçando novas metas, comemorando novas conquistas.

Reportagem Especial

Calçadistas investem na sustentabilidade da produção



CALÇADOS BEIRA RIO S.A./DIVULGAÇÃO/JC

Fábrica da Calçados Beira Rio, em Sapiranga, produz sete marcas; capacidade deve ser ampliada

Vale do Rio dos Sinos concentra fabricação de couro e calçado, voltada à exportação

Eduardo Torres

O peso da indústria do calçado e do couro para o Vale do Sinos é preponderante. Entre Novo Hamburgo, São Leopoldo, Sapiranga, Dois Irmãos, Estância Velha e Nova Hartz, que figuram entre os 50 maiores municípios exportadores gaúchos, entre janeiro e outubro deste ano foram comercializados US\$ 396,11 milhões entre calçados e couros.

Novo Hamburgo é a capital dos calçados, mas o maior volume negociado – US\$ 120,7 milhões – saiu de Sapiranga. É onde a Calçados Beira Rio opera com duas filiais e é a empresa com maior valor agregado do município – 15% da economia local. São 1,3 mil funcionários empregados entre a produção de calçados e o centro de distribuição da empresa – em breve deve

ultrapassar 1,4 mil funcionários.

De acordo com o diretor industrial da empresa, João Heinrich, as unidades de Sapiranga respondem por 27% da produção da Calçados Beira Rio. Dali, saem produtos de sete marcas. E a produção está em fase de expansão. São investidos R\$ 52,7 milhões entre a reestruturação no setor de cortes, preparando para ampliação da capacidade produtiva no futuro, a construção de novo prédio dedicado à logística, com 13,3 mil metros quadrados e de novas estruturas para os funcionários.

Concomitantemente, o centro de distribuição passa por ampliação. A intenção, segundo Heinrich, é aumentar a eficiência logística no envio de mercadorias das 11 fábricas espalhadas pelo Rio Grande do Sul.

Sapiranga está entre os municípios do Vale do Sinos que, no ano passado, produziram 91,7 milhões de pares de calçados – 65% da produção gaúcha e o terceiro principal polo produtor de calçados do Brasil (12% da

produção nacional). Estão no Vale do Sinos a maior concentração de empresas do setor e o maior volume de pessoas empregadas na produção.

Mesmo que o mercado calçadista enfrente dificuldades nas exportações, com a concorrência asiática e a abertura do mercado nacional, no Vale do Sinos a exportação tem papel importante. A região foi a que mais faturou com vendas ao exterior no ano passado.

A explicação para a penetração maior do produto gaúcho, de acordo com o gerente de marketing e estratégia da Associação Brasileira da Indústria de Calçados (Abicalçados), Cristian Schlindwein, está não somente na qualidade da produção e no desenvolvimento da inteligência do mercado do calçado na região onde fica, por exemplo, o Instituto Brasileiro do Couro e do Calçado. A indústria gaúcha avança rapidamente para atender com maior qualidade às exigências de sustentabilidade dos principais mercados.

Ações ambientais garantem mercados ao calçado gaúcho

“Há mais de 10 anos, lançamos a ideia de um programa de sustentabilidade, detectamos este movimento internacional e que acabaria limitando as possibilidades de empresas que ficassem fora. Era preciso um acultamento e o reconhecimento a quem já adotava essas práticas. Hoje, todo o caminho do material que resultará em um calçado tem sua origem acompanhada para ser certificada. Estamos falando de couro, metal, produtos químicos. A rastreabilidade caminha para ser completa. É uma análise da empresa em todos os seus processos, e não só do produto que ela oferece”, explica o gerente de marketing e estratégia da Abicalçados, Cristian Schlindwein.

Quem segue o caminho da certificação de origem sustentável, e avançando, é a Via Marte, de Nova Hartz, que hoje tem o selo Prata. A empresa tem apostado na produção de tênis casuais. E é justamente nessa linha que desenvolve o seu principal projeto de economia circular e sustentabilidade. São pelo menos 15 mil pares por dia – metade de toda a produção da empresa – equipados com palmilhas e amortecedores com origem no reaproveitamento de aparas de tecidos da própria produção da Via Marte.

“Tratamos de incluir os nossos fornecedores nessa busca por mais sustentabilidade na nossa produção e nos nossos produtos, e temos obtido muito ganho

no mercado. Esse produto tornou-se uma referência de qualidade para o Brasil inteiro, inclusive como um poderoso argumento de vendas”, garante o gerente de sustentabilidade da Via Marte, Elizeu Fontes.

A inovação nos tênis casuais começou com a parceria com a empresa Ambiente Verde, que recolhia as sobras dos cortes e desenvolveu as palmilhas com o material sintético, reduzindo drasticamente os resíduos gerados pela produção. O próximo passo incluiu mais uma parceira, além da própria Ambiente Verde, a Tacosola, que criou um modelo de amortecimento para os calçados também a partir de materiais que eram descartados.

“Há 20 anos não destinamos nada a aterros. Os tênis casuais começaram a ser produzidos há oito anos, e se tornaram um diferencial que integrou perfeitamente essa política de redução de resíduos. O que não é reutilizado é encaminhado para coprocessamento. Nova Hartz, por exemplo, não tem tratamento de esgoto, mas na Via Marte nós fazemos o tratamento da água”, explica o gerente industrial e de materiais da empresa, José Aléssio da Silva.

Criada em 1977, hoje a Via Marte tem 2,5 mil funcionários entre duas unidades industriais em Nova Hartz e ainda uma unidade de costura em Igrejinha. São 15% da produção destinados à exportação.

Estância Velha é referência na produção de couro

Se Novo Hamburgo é a capital do calçado, Estância Velha é a referência na produção de couros no Vale do Sinos. O setor também participa do programa de certificação de origem, e é ainda mais controlado internacionalmente para adotar boas práticas de produção. A produção coureira é diretamente responsável por Estância Velha figurar como o 37º município gaúcho que mais exportou nos 10 primeiros meses do ano.

Exportou US\$ 37 milhões em couros neste ano – 56,2% do total das vendas locais ao Exterior.

O Instituto de Tecnologia em Couro e Meio Ambiente, do Senai, que funciona no município, é um exemplo de como o desenvolvimento do conhecimento cria oportunidades para a economia regional. O local é hoje uma referência internacional na produção coureira. “É uma escola única no Brasil e na América Latina, com essa especialização.

A cada ciclo, recebemos alunos que vêm do Brasil inteiro, dos vizinhos da América do Sul e até da China e dos Estados Unidos”, conta a professora do curso Técnico de Curtimento, Tatiana Link.

São 200 alunos em formação com técnicas de curtimento, a maior parte, já atuando no setor, mas em busca de qualificação. E aí, a cadeia produtiva onde este conhecimento é multiplicado é gigante, com diversos produtos feitos a partir do couro.

O setor coureiro-calçadista no Vale do Sinos

■ Em 2023, o Vale do Sinos foi a 3ª região do País que mais produziu calçados, foram 91,7 milhões de pares (12,6% da produção nacional)

■ A região emprega 32,7 mil pessoas no setor e é a que mais gera empregos no País (15% do total do Brasil)

■ A região concentra o maior número de empresas do setor calçadista entre todas as regiões produtoras do País, são 831 empresas (20,9% das empresas do Brasil)

■ Somente entre Novo Hamburgo, Sapiranga, São Leopoldo, Dois Irmãos, Estância Velha e Nova Hartz, o Vale do Sinos exportou quase US\$ 400 milhões entre calçados e couros entre janeiro e outubro. O setor prevê queda acima de 15% nas exportações em 2024, mas com recuperação em 2025.

■ 70% das empresas certificadas pelo Programa Origem Sustentável, da Abicalçados, são gaúchas

FONTE: Abicalçados

Reportagem Especial

Melhorias na rodovia BR-116 atraem novos investimentos

Novo Hamburgo recebe grandes empreendimentos imobiliários e iniciativas na área de varejo e serviços

Está no Vale do Sinos, ao longo da BR-116, a maior melhoria logística entre as regiões retratadas neste capítulo do Mapa Econômico do RS. Serão investidos até 2026 quase R\$ 700 milhões do Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (Dnit) em obras de transformação da rodovia que recebe, diariamente, 140 mil veículos.

Na ponta deste corredor está Novo Hamburgo, que receberá obras em três novas passagens subterrâneas, com os trabalhos previstos para 2025. Entre 2010 e 2022, o município registrou

redução de quase 5% na sua população, mas agora vive um momento de transformação, e isso tem atraído muitos investimentos na construção e no varejo.

Entre as novas passagens previstas na BR-116, que darão mais fluência à rodovia e integração entre os bairros da cidade, está a que dará acesso ao futuro bairro-cidade Boulevard Germânia, primeiro grande investimento imobiliário do Grupo Zaffari.

Começou a ser pensado, como explica o diretor Claudio Luiz Zaffari, ainda em 1990. “Foi decorrente de uma oportunidade, quando analisamos os potenciais existentes em uma perspectiva de longo prazo. É uma região importante e tem apresentado desenvolvimento constante”, diz o diretor.

O projeto em Novo Hamburgo contará com mais de 1,2 mil lotes em uma área de 285 hectares. Terá atacarejo Cestto, centro comercial, escola e até um campus universitário. Na primeira fase, com entregas previstas para 2026, englobará 33% da área e contará com um novo parque. Serão R\$ 6 bilhões investidos para erguer o bairro-cidade.

Mas não é um caso isolado. A cidade tem sete atacarejos chegando ou em ampliação. São 9,9 mil empresas operando no comércio varejista. A transformação de Novo Hamburgo tem mais tempo. Na pandemia, o Grupo Santander levou a sua operação de negócios e telemarketing. Hoje, tem 7 mil pessoas e é a maior empregadora de Novo Hamburgo.

Obras em rodovias na Região Metropolitana e Vale do Sinos

■ BR-116: investimento de R\$ 680 milhões até 2026 nas obras do Lote 1 da rodovia entre Porto Alegre e Novo Hamburgo. Já foram entregues o novo acesso e Viaduto da Scharlau (RS-240) e a nova ponte sobre o Rio dos Sinos, restam cinco trechos (terceiras faixas, complexo de Esteio, acessos Novo Hamburgo, viadutos e pontes em Canoas, acesso em Canoas)

■ BR-116 (sul): trecho de Guaiaba da rodovia é um dos que seguem parados após a saída do Exército, aguardando nova contratação para finalização do trecho

■ ERS-118: investimento de R\$ 140 milhões para duplicar o trecho de 16 km entre Viamão e Alvorada. A obra faz parte do Bloco 1 de concessões do governo do Estado e aumenta possibilidade de ser custeada pelo Funrigrs e não ter pedágio

■ BR-448 (Rodovia do Parque): investimento de R\$ 1,6 bilhão previstos para três anos em 18 km, entre Esteio e o entroncamento da RS-240. Dnit realiza estudos e projetos, que precisaram ser adaptados quando a cheia inundou 80% do traçado futuro da Rodovia do Parque. Intenção do órgão é lançar licitação em 2025

■ BR-290: investimento de R\$ 600 milhões incluído no novo PAC para duplicar a rodovia entre Eldorado do Sul e Pantano Grande até 2028. A obra no trecho ainda não iniciou

■ RS-010: investimento de R\$ 1,7 bilhão para construir a Rodovia do Progresso, ligando a freeway à RS-239, em trecho de 41,7 quilômetros, deve ser incluída no Bloco 1 de concessões de rodovias do governo do Estado

FONTES: DNIT E GOVERNO DO RS

TRANSFORME
O FUTURO DA SUA EMPRESA

Fortaleça a economia local investindo em quem faz parte da sua comunidade!

No CIEE-RS, conectamos sua empresa a estagiários e aprendizes que trazem energia, inovação e comprometimento.

Acesse a plataforma Conjuntos e saiba como integrar jovens promissores à sua equipe.

@ciee_rs
 @cieers
 @CIEERS.ORG
 @ciee-rs
 CIEE-RS
 (51) 3363-1000

Reportagem Especial

Polo Petroquímico e Refap aceleram descarbonização

Operações da Braskem e da Petrobras podem ter benefícios com ações ambientais a partir da reforma tributária

Eduardo Torres

Um ponto essencial da reforma tributária que está em regulamentação no Brasil é a sustentabilidade na produção. Há incentivos à eficiência ambiental e maiores taxas para atividades potencialmente prejudiciais à natureza. E aí pode estar a vantagem para o complexo petroquímico entre o Vale do Sinos e a Região Metropolitana.

Em Triunfo, a Braskem foi pioneira no desenvolvimento do eteno verde em escala industrial e que é matéria-prima na produção de plástico de fonte renovável, a partir da cana-de-açúcar. No ano passado, a empresa concluiu as obras de ampliação em 30% na capacidade desta planta, chegando a 260 mil toneladas de plástico verde por ano.

O objetivo, conforme o gerente de relações institucionais da Braskem, Daniel Fleischer, é suprir a demanda crescente do mercado internacional por este

tipo de produto, principalmente a Europa. Já são 30 países e mais de 250 marcas que consomem os biopolímeros produzidos pela empresa no Brasil.

Conforme o gerente, a iniciativa é um dos pontos-chaves no projeto da empresa, que é uma das principais em operação no Polo Petroquímico, na meta de chegar a 1 milhão de toneladas anuais de biopolímeros até 2030, e de tornar todas as operações da Braskem neutras em emissões até 2050. Desde o início da operação da planta de eteno verde, a empresa calcula ter retirado da atmosfera 4,9 milhões de toneladas de CO₂.

No caminho da descarbonização, a Braskem iniciou o uso de biomassa energética na planta industrial gaúcha e desenvolve um novo projeto voltado para a sustentabilidade e uso responsável do carvão produzido no Rio Grande do Sul. A empresa não detalha o projeto que, no entanto, consome R\$ 200 milhões – a maior parte dos investimentos de R\$ 360 milhões neste ano. O Polo Petroquímico responde por 95% da arrecadação de ICMS industrial de Triunfo.

Já em Canoas, onde é recebido, a partir de dutos desde

Tramandaí, no Litoral Norte, o petróleo a ser processado e seguir, em parte para o Polo Petroquímico e em outra parte para a produção de combustíveis, a Petrobras acelera o processo de “limpeza” dos produtos da Refinaria Alberto Pasqualini (Refap). A refinaria responde por mais de 80% da arrecadação industrial do município, que tem o segundo maior VAB Industrial entre as regiões retratadas neste Mapa.

Conforme a assessoria de imprensa da companhia, nos próximos seis anos há previsão de uma série de ações para descarbonização da Refap. Dentre esses projetos, destaca-se o de eletrificação da maior turbina a vapor da refinaria, que deve reduzir em cerca de 10% a emissão de CO₂. O objetivo é reduzir, até 2030, 25% das emissões na refinaria. Processo que, como anunciado no início de dezembro, demandará R\$ 1 bilhão em investimentos.

Em relação aos produtos, atualmente, 50% da produção de diesel na Refap já é do tipo S10, considerado menos poluente. A empresa explica que o aumento da produção deste tipo de óleo diesel, que abastece o mercado nacional, acontecerá conforme a demanda. A planta



Refap trabalha para reduzir, até 2030, 25% das emissões na refinaria



Fleischer diz que Braskem busca suprir a demanda por plástico verde

já estaria adaptada ao aumento da produção. Atualmente, a Refap tem capacidade para processar 32 mil metros cúbicos por dia, que são transformados em gasolina, óleo diesel S10 e

S500, GLP, querosene de aviação (JET), asfalto, óleo combustível, coque e enxofre, além de propeno e nafta petroquímica, que são matéria-prima para o Polo Petroquímico.

Gerdau, Stihl e General Motors também devem aproveitar oportunidades da legislação

As consequências da reforma tributária figuraram entre os temas de debate na última eleição na Região Metropolitana, e tende a seguir em discussão e refletir em toda a economia regional nos próximos anos. Com o princípio de distribuir melhor as riquezas, a reforma encontra os dois extremos nos arredores de Porto Alegre.

De um lado está Triunfo, historicamente com o maior PIB per capita do Estado como consequência da arrecadação do Polo Petroquímico, e Canoas, também bastante beneficiada pela presença da Refinaria Alberto Pasqualini (Refap), e que, durante o pleito, o atual governo chegou a projetar uma perda superior a R\$ 300 milhões em receitas nos próximos anos. De outro, estão Viamão e Alvorada, que figuram entre os três menores PIBs per capita do Estado.

Em até 50 anos, projeta o Ipea, a diferença entre o PIB per capita de Triunfo e Alvorada tende a cair de 23,5 vezes para três vezes. Com um cálculo de redução anual, durante o período de transição da reforma, de 0,4% no município do Polo Petroquímico. Por outro lado, calcula o instituto, Alvorada poderá ter uma alta de 5,4% ao ano.

Nada que precise gerar pânico, como aponta o economista-chefe da Fiergs, Giovanni Baggio. “Não será algo de uma hora para outra, e é muito difícil determinar quem exatamente vai ganhar, concretamente, e quem vai perder. O fato é que a reforma oferece uma oportunidade para maior eficiência econômica, é vantajosa. Sim, haverá novos critérios de distribuição do novo IBS, que levarão em consideração índices sociais durante a transição. Hoje, com o ISS, as grandes cidades

tendem a concentrar mais recursos, então, uma cidade como Alvorada vai, sim, ganhar, como acontecerá com a maioria dos municípios. Mas a transição para os municípios é bastante longa, até 2053”, explica.

É bastante tempo, como explica Baggio, para que a produção industrial da região seja ainda mais desenvolvida. “Onde há sistemas produtivos, com mais de um processo, há ganho. Então, com os ganhos que a indústria terá, é possível que a expectativa de alguns municípios, que achavam que perderiam, seja revertida, e eles passem a ganhar mais valor justamente por terem apresentado as condições para que o processo industrial fosse ampliado”, aponta.

É o caso, por exemplo, de complexos como o automotivo da General Motors em Gravataí ou da produção de ferramentas da

Os efeitos da reforma tributária

- Ipea projeta que 386 municípios gaúchos terão ganhos com a reforma tributária e 111, perdas
- Descarbonização do setor petroquímico é um dos caminhos para ter vantagens com a reforma. O Polo Petroquímico, com seis empresas, responde por 95% do ICMS industrial de Triunfo, enquanto a Refap, em Canoas,

é responsável por 82% do ICMS industrial

- Ampliar os sistemas de produção industrial e as exportações são vantagens no futuro regramento. Os complexos automotivo, em Gravataí, e da celulose, em Guaíba, respondem, cada um, pela metade da arrecadação dos municípios

Stihl, em São Leopoldo, com forte presença nas exportações. Ou ainda na produção da Gerdau, em Sapucaia do Sul. A sua produção de aços é baseada na reciclagem de sucatas, e todos os anos, 11 milhões de toneladas são transformadas em produtos de aço, deixando uma das menores pegadas ao meio ambiente entre as empresas do setor, com uma média de 0,91 toneladas de CO₂ por tonelada de aço produzido, ou

metade da média global. A meta da empresa é, até 2031, reduzir esse índice para 0,82.

No período pós-cheia, a produção da Gerdau foi fundamental para garantir o rápido reaproveitamento de veículos, equipamentos e máquinas danificadas pela chuva, que se tornaram novas peças em aço. O sistema montado pela empresa no RS tem mais de 300 fornecedores de sucatas.

Reportagem Especial

Usina de biometano deve entrar em operação em 2025

Unidade vai funcionar em Triunfo, após um investimento estimado em R\$ 200 milhões

O grande desafio para quem investe no biometano como combustível novo e mais limpo é a dificuldade na infraestrutura. No caso da Reiter Log, a empresa de logística de Nova Santa Rita traz o produto de outros estados e opera três bases internas de descompressão para o abastecimento dos caminhões.

Conforme o Panorama Cibiogás 2023, só 3% das 1,3 mil usinas que geram biogás no Brasil avançam no processo de produção de biometano, ou o chamado GNR. Em todo o País, são 50 plantas de biometano, no entanto, 23 delas não atuam de maneira comercial, 19 aguardam autorização da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) para entrar em operação, e só oito são autorizadas hoje pela agência – todas entre São Paulo e Ceará.

Há oportunidade, porém, para avanço em breve na Região Metropolitana. Está prevista para entrar em operação, já com capacidade plena, no segundo trimestre de 2025 a primeira usina de biometano na região, em Triunfo, na Região Metropolitana. Com investimento de R\$ 200 milhões, a planta Bioo terá capacidade de produção de 30 mil metros cúbicos por dia – o equivalente ao consumo médio de 10 postos de GNV, por exemplo, por dia. Este volume já está contratado pela Sulgás, e entrará na rede de gasodutos da empresa, portanto, abastecendo especialmente a produção industrial gaúcha, principalmente na região do Polo Petroquímico.

“Nossa escolha por Triunfo para instalarmos essa primeira unidade foi estratégica pela localização, com estradas próximas, por ter agroindústrias, de onde virá boa parte da matéria-prima, bem estabelecidas nas proximidades, e por ter o gasoduto passando pela cidade. A infraestrutura é fundamental



Diretor-executivo da Bioo, Maurício Cótica destaca a infraestrutura necessária para implantar o projeto

para fazer este tipo de projeto avançar”, diz o diretor executivo da Bioo, Maurício Cótica.

A produção de biometano, um gás renovável, é obtida a partir da purificação do biogás, oriundo de resíduos. No caso da Bioo, esta matéria-prima virá de resíduos orgânicos industriais, desde frigoríficos e processadoras até mercados e restaurantes. A partir do processamento do biogás gerado por mais de 30 tipos de resíduos, a empresa pretende produzir bem mais do que o biometano, e já tem tratativas avançadas com clientes para outros produtos como o CO2 biogênico. “É um material obtido a partir do mesmo processo. Parte será transformada em biometano, e parte neste tipo de CO2 certificado com grau de aplicação para a indústria de alimentos e bebidas. Já temos contratos

firmados com algumas indústrias, porque, além de estarmos oferecendo um produto renovável e que é uma solução em economia circular, representaremos redução de custos. Hoje, o CO2 é todo comprado em outros estados”, explica Cótica.

A planta de Triunfo terá

capacidade de processar 40 toneladas deste produto, aplicado em frigoríficos, em processos de embalagens e também no setor metalmeccânico. Ao lado da usina haverá uma estrutura que garantirá desperdício zero na produção. Ali, serão desenvolvidos biofertilizantes.

Os novos combustíveis

- Somente 3% das plantas de biogás no Brasil produzem o biometano como combustível
- O Rio Grande do Sul tem 79 plantas geradoras de biogás, com um crescimento de 39% em 2023, com uma produção de 249 milhões de metros cúbicos por ano. Representa 6% da produção nacional
- Em 2025 devem entrar em operação as primeiras plantas de combustível biometano (GNR) no Estado, em Triunfo, Minas do Leão

- e São Leopoldo
- No Brasil, a ANP registra 8 usinas de biometano autorizadas a operar comercialmente, todas entre São Paulo e Ceará.
- RS já assinou diversos memorandos para projetos de produção de hidrogênio verde
- A planta-piloto projetada pela RBCIP em Porto Alegre é a primeira no Estado vinculada a projeto de produção de combustível

FONTE: Cibiogás 2024

Aterro sanitário em São Leopoldo também vai gerar o combustível

Em todo o País, só 10% da produção de biometano é obtida a partir de resíduos industriais. A maior parte (81%) é obtida pelo processamento de substratos agrícolas. Outros

9% resultam do tratamento de resíduos urbanos. E esta é a solução escolhida pela Companhia Riograndense de Valorização de Resíduos (CRVR) para o investimento de R\$ 100

milhões que iniciará em seu aterro, operado em São Leopoldo, no Vale do Sinos.

A empresa já tem, em estágio avançado de construção, a sua planta para produção

do combustível, a partir de resíduos urbanos, em Minas do Leão. Em São Leopoldo, serão produzidos, em média, 34 mil metros cúbicos diários. A CRVR já produz biogás para geração

de energia em São Leopoldo. Em todo o Brasil, 61% da produção de biogás é destinada à geração de energia. Em 39% dos casos, o destino é o biometano.

Combustível a partir do hidrogênio verde também está no mapa de Porto Alegre

Em outra frente da corrida pelos novos combustíveis, Porto Alegre também está no mapa. Primeiro, como polo de desenvolvimento de pesquisa e produto, mas com pretensões comerciais. É o que aponta o coordenador de Hidrogênio Verde da Rede Brasileira de Pesquisa e Inovação (RBCIP), Marcelo Fiche.

“Faremos uma planta de hidrogênio verde com produção a partir do reúso de água resultante de estações de tratamento

de esgoto, mas é projeto com pretensões de potencializar negócios no Rio Grande do Sul, então, queremos avançar nesta planta para a produção de SAF (combustível de aviação), obtido a partir do processo entre hidrogênio verde e etanol. Nossa ideia é de que saiam dessa produção querosene de aviação, diesel verde e gasolina verde”, explica Fiche.

O passo inicial do projeto, que seria uma planta-piloto de

produção de hidrogênio verde, chegou a ser anunciado em 2023, em uma possível parceria da RBCIP com a Pucrs e a Ufrgs.

No entanto, houve mudanças e as negociações agora são para que a planta seja erguida na Escola Técnica Mesquita, na Zona Norte de Porto Alegre, em parceria com o Sindicato dos Metalúrgicos. A ideia, de acordo com Marcelo Fiche, é ter a planta-piloto também como uma formadora de mão de obra para os

diversos fins industriais do uso do hidrogênio verde.

“A nossa ideia é termos a planta-piloto de hidrogênio verde pronta em meados de 2025. Para obtermos a água que será o princípio do processo, estamos alinhando parcerias com o Dmae e a Corsan, que têm interesse na destinação deste material. Agora, estamos em busca de parceiros para viabilizar este próximo passo, que é a produção de SAF em escala reduzida,

no primeiro momento. É uma tecnologia que dominamos e temos pesquisa de desenvolvimento em cooperação com a Ufrgs. É muito importante que esse conhecimento fique no Rio Grande do Sul”, valoriza o pesquisador.

A estimativa é de que o projeto tenha um custo de R\$ 30 milhões. Uma planta de dimensões maiores para produção do SAF a partir do hidrogênio verde, exigiria investimentos em torno de R\$ 200 milhões.

Meio Ambiente

Avanço do saneamento reduz emissões de gases no RS



CORSAN/DIVULGAÇÃO/JC

Corsan investe em obras de saneamento entre a Região Metropolitana de Porto Alegre e o Litoral

Empresa projeta grandes investimentos nas Regiões Metropolitana, Litoral e Vale do Sinos

Eduardo Torres

Uma frente no setor da construção pesada tem alta demanda por concreto e relação íntima com planos de desenvolvimento, tanto na Região Metropolitana quanto no Litoral. As obras de saneamento, que já avançavam antes da cheia, agora têm uma forte retomada. Conforme a Aegea/Corsan, são investidos R\$ 160 milhões em obras de saneamento entre a Região Metropolitana e o Litoral Norte neste ano. Em 2023, foram outros R\$ 137 milhões. Essencialmente, são projetos que ampliam o alcance

Dados sobre emissões

- As regiões Metropolitana, Vale do Sinos e Litoral representam 36,5% do PIB do RS, 37,3% da população do Estado e respondem por 12,4% das emissões de gases do efeito estufa
- Somente 8,8% dos gases emitidos nas regiões são capturados ou neutralizados, bem abaixo da média de 14,1% de captura no Rio Grande do Sul.
- A Região Metropolitana é a que mais emite gases, e o transporte é o grande vilão
- O Vale do Sinos é a região de todo o Estado que menos captura ou neutraliza os gases, só 1,3%
- O Litoral é a região que mais

das redes coletoras e do tratamento de esgoto.

Já foram concluídas neste ano, por exemplo, obras em reservatórios e em estações de bombeamento e de tratamento entre Eldorado do Sul, Cachoeirinha e Viamão. Há, no entanto, 26 projetos em andamento entre 14 municípios das duas regiões.

O peso do setor de saneamento para a construção impacta não somente em obras de redes, galerias ou reservatórios. Tem reflexos no setor imobiliário, devido à melhor infraestrutura.

Entre as três regiões retratadas neste capítulo do Mapa Econômico do RS, o Litoral Norte é a que mais captura ou neutraliza as emissões de gases de efeito estufa. Conforme o Sistema de Estimativa de Emissão de Gases (SEEG), do Observatório do

captura gases, 21,03%

Municípios que mais emitem

- 📍 Canoas 3 Mt
- 📍 Porto Alegre 2,4 Mt
- 📍 Viamão 796 kt
- 📍 Gravataí 605,1 kt
- 📍 Santo Antônio da Patrulha 528,6 kt

Municípios que mais capturam

- 📍 Viamão 202 kt
- 📍 Mostardas 154,6 kt
- 📍 Santo Antônio da Patrulha 110,3 kt
- 📍 Palmares do Sul 83 kt
- 📍 Triunfo 77,8 kt

FONTE: SEEG 2022

Clima, enquanto a média do Estado era de 14,1% em 2022, no Litoral, este índice chegou a 21%. Para que se tenha uma ideia, o Vale do Sinos neutraliza apenas 1,3% do volume de gases emitidos. A tendência é que a região das praias se torne ainda mais limpa e valorizada no futuro.

É que, conforme o levantamento do SEEG, o grande vilão entre as 2,5 Mt de gases emitidos no Litoral é justamente a falta de saneamento básico, com a decomposição do esgoto sanitário sem tratamento. Em Imbé, as emissões por falta de saneamento aumentaram 32% entre 2016 e 2022. Em Xangri-Lá, o salto entre 2018 e 2022 foi de 130%. Em média, entre Tramandaí, Torres, Capão da Canoa, Imbé e Xangri-Lá, o saneamento responde por 30% das emissões. Os cinco municípios, em média, neutralizam só 5% do que emitem.

O avanço da construção civil, mesmo que represente maior adensamento populacional, pode ser um aliado para a redução dos efeitos do aquecimento, justamente porque o principal alicerce deste avanço está nas obras de saneamento. A Aegea/Corsan já iniciou o seu plano de investimentos de R\$ 550 milhões na região até 2033 para a expansão dos serviços de abastecimento e tratamento de água, sendo R\$ 84 milhões neste ano. As obras já garantiram quase 1,8 mil novas ligações à rede de esgoto em Torres, município que menos neutraliza seus gases.

Obras de saneamento em andamento

- A Aegea/Corsan investe R\$ 160 milhões neste ano entre as regiões Metropolitana, Vale do Sinos e Litoral. Em 2023, foram investidos outros R\$ 137 milhões
- São 14 obras de saneamento em andamento entre Alvorada, Cachoeirinha, Eldorado do Sul, Gravataí, Guaíba e Viamão
- São cinco obras de saneamento em andamento

entre Canoas, Esteio e Sapucaia do Sul

- São sete obras de saneamento em andamento entre as praias de Cidreira, Imbé, Torres, Tramandaí, Xangri-Lá.
- Outros três projetos entre Eldorado do Sul, Cachoeirinha e Viamão foram concluídos neste ano

FONTE: AEGEA / CORSAN

Obras contra cheias vão movimentar a indústria pesada

De acordo com o Sinduscon-RS, em setembro havia 304 empreendimentos em obras, entre 2,4 mil imóveis, somente em Porto Alegre. Em seu mais recente levantamento, a Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC) projeta crescimento de 3% do setor em nível nacional. Entre os motivos para o otimismo, a entidade lista o início das obras de reconstrução do Rio Grande do Sul.

Na região, há R\$ 6,5 bilhões a serem investidos em sistemas de contenção regionais entre as bacias hidrográficas dos rios dos Sinos, Gravataí, Jacuí e no sistema de drenagem e bombeamentos internos de Porto Alegre. Há uma lista de 10 projetos incluídos no Novo PAC após a cheia. Pelo menos três deles estão nas fases preliminares de estudos, projetos e de impacto ambiental. A projeção é de que as obras se estendam por pelo menos cinco anos, com investimentos que vão alimentar a indústria da construção.

Já há, no entanto, muita máquina nas ruas. Em

Canoas, Porto Alegre, São Leopoldo, Novo Hamburgo e Guaíba, os governos municipais anteciparam-se aos possíveis repasses federais e investem, ao menos, na recomposição dos diques e estruturas de proteção, que movimentam pelo menos R\$ 100 milhões em obras.

Entre as obras já em execução está a recomposição, e aumento na altura, do dique da Fiergs, na Zona Norte da Capital. A sede da principal entidade empresarial gaúcha foi inundada em maio. Próximo dali, às margens da freeway, a moderna sede da Fecomércio ficou ilhada. Símbolos do que o evento extremo provocou na Região Metropolitana.

“A grande lição que fica é a necessidade dos governos investirem realmente em infraestrutura, prevenção e proteção. Na Fiergs, fizemos alterações estruturais a partir deste episódio, que surpreendeu a todos. E como entidade, além de pressionar por soluções, também somos agentes dessa reconstrução”, diz o presidente da Fiergs, Cláudio Bier.

Obras previstas para a contenção de cheias

- Sistema de controle de cheias entre o Rio Gravataí e o Arroio Feijó (Porto Alegre e Alvorada): R\$ 6,5 bilhões
- Sistema de prevenção a inundações no Rio dos Sinos (Vale do Sinos): R\$ 1,9 bilhão
- Obras de prevenção a cheias na Bacia do Rio Gravataí (Gravataí, Cachoeirinha): R\$ 450 milhões
- Sistema de prevenção e

contenção de cheias no Delta do Jacuí (Eldorado do Sul): R\$ 531 milhões

■ Obras nos sistemas de bombeamento e drenagem em Porto Alegre: R\$ 770,4 milhões

■ R\$ 100 milhões já são investidos em obras em diques entre Porto Alegre, Canoas, São Leopoldo, Novo Hamburgo e Guaíba

FONTE: GOVERNO FEDERAL

Varejo

Varejistas avaliam que o momento é de transformações

Presidente da CDL-POA destaca que há uma supervalorização em cidades que não foram afetadas pelas enchentes

Patrícia Comunello

Passado o período mais agudo da enchente, o varejo agora encara outra etapa da reconstrução. Dirigentes de entidades do comércio e serviços, como alimentação, avaliaram, para o Mapa Econômico do RS, os desafios e oportunidades, mesmo com a crise provocada pelas cheias, e medidas que cabem ao segmento na Região Metropolitana de Porto Alegre. A projeção é de crescimento nos próximos anos, com novas operações.

“O varejo da região está passando por um momento totalmente diferente, onde alguns negócios tiveram desempenho acima da média e muitos não conseguiram nem retornar”, observa Irio Piva, presidente da CDL Porto Alegre (CDL-POA).

Para Piva, não é possível generalizar os impactos e como cada segmento ou empresa reagiu. “Temos supervalorização em cidades da Região Metropolitana, como Gravataí, que não foi atingida no evento climático.” Para ele, o maior desafio é conseguir se reposicionar rápido. “A rapidez de ação nunca foi tão importante como agora”, reforça.

O presidente da Federação Varejista do RS, Ivonei Pioner, encara os desafios na região pelo tamanho dos impactos da

reconstrução. “A região se reinventa todo dia. Com esses dados (citando o Mapa Econômico), podemos planejar ações de forma segura e estruturada”, opina.

Para Pioner, passados os meses iniciais pós-cheias, agora não é só recuperar a condição de operação, “mas de olhar para frente”, para o ambiente econômico, a estruturação logística e a criação de um ambiente positivo para atrair empreendimentos.

A articulação de entidades e setor público na retomada é apontada como um dos trunfos para os próximos anos, sinaliza Paulo Geremia, presidente do Sindicato de Hospedagem e Alimentação de Porto Alegre e Região (Sindha). “Isto está dando um bom resultado. Desde o que ocorreu, houve união. É muito



TÂNIA MEINERZ/JC

Para Irio Piva, o maior desafio é conseguir se reposicionar rápido

importante, é o caminho para o desenvolvimento”, defende.

O presidente da Federação das Associações Gaúchas do Varejo (Federação AGV), Vilson Noer, ressalta que há ainda recuperação a ser feita no setor, mas a reação dos empreendedores mostra a força da região. “O

potencial da Região Metropolitana é gigantesco para o varejo. Um terço dos consumidores está aqui e tem todo potencial para melhorar ainda mais, com demanda de empregos e recuperação. Oportunidades são infindáveis”, pontua.

“O varejo depende muito da população, e a Grande Porto Alegre impacta nos resultados de todo o comércio”, amplia Arcione Piva, presidente do Sindilojas Porto Alegre. A pulverização de obras, muitas ativadas pelo setor público, também são listadas como impulso para gerar mais renda e vendas.

A presidente da Associação Comercial de Porto Alegre (ACPA), Suzana Vellinho, aposta que a crise gerada pela cheia trouxe, além da reconstrução,

“um novo olhar para uma região que está se reinventando todo dia”. “Os dados que o Mapa Econômico apresenta nos mostram isso e ainda que é possível nos planejarmos de forma estruturada.”



NOSSO FUTURO É RENOVÁVEL

O uso de energias geradas por fontes limpas é o que a sociedade quer.



Traga a sua energia para cá!

SEJA UMA ASSOCIADA

www.sindienergias.com.br



Litoral

População em cidades com praias tem forte crescimento



PMCC/DIVULGAÇÃO/JC

Capão da Canoa (foto) lidera entre as populações do Litoral; Tramandaí cresceu 30% de 2010 a 2022

Construção civil avança em ritmo intenso em cidades como Tramandaí e Capão da Canoa

Eduardo Torres

No Censo de 2022, o mais recente, Tramandaí chegou a 54,3 mil habitantes, com um crescimento de 30% da população em relação a 2010 – acima do crescimento regional, de 25%. No Litoral, está atrás somente de Capão da Canoa.

A situação teve início com a corrida às praias na pandemia. Agora, em maio, Tramandaí cadastrou 13 mil pessoas acolhidas durante as cheias. Deste

volume, 3 mil ficaram por lá.

Um dos reflexos da mudança tem sido o aumento no volume de solicitações de licenciamento para construir no município. Até agosto, Tramandaí, Torres, Xangri-Lá e Capão da Canoa haviam licenciado 1.360 projetos para construções na região. Representa quase 20% do total de licenciamentos e alvarás emitidos desde 2019 no Litoral.

Conforme o Sindicato das Indústrias da Construção Civil do RS (Sinduscon-RS), o Litoral Norte teve o segundo maior Valor Geral de Vendas (VGV) acumulado nos seis primeiros meses do ano entre as regiões do Estado, ultrapassando R\$ 3 bilhões. Valor só superado pela Capital e entorno,

com R\$ 4 bilhões em VGV.

E se, ao pensar no aquecimento do mercado da construção no Litoral, a primeira imagem é a dos condomínios voltados às praias, o plano de Tramandaí é ordenar também, e arrebatar, investimentos para a construção de empreendimentos mais populares, justamente para receber os trabalhadores do novo porto de Arroio do Sal e das indústrias atraídas para a região.

“Já temos trabalhadores envolvidos no projeto de licenciamento do porto hospedados ou morando aqui no Litoral. É um movimento que já se iniciou”, aponta a secretária municipal de Administração de Tramandaí, Patrícia Beck.

Tramandaí planeja um porto seco e alfandegário

De olho na demanda por infraestrutura no Litoral Norte, o governo municipal de Tramandaí, conhecida como a Capital das Praias, apresentou nos últimos meses um Plano Municipal de Desenvolvimento, prevendo uma grande transformação da cidade – seja pelo fluxo crescente de moradores já observado durante a pandemia e nas cheias de maio, seja pelo novo boom que é esperado a partir da operação do novo Porto Meridional.

Em novembro, representantes da prefeitura estiveram em Brasília para apresentar o projeto e o interesse em criar um porto seco alfandegário, uma

espécie de ponto estratégico no caminho das cargas para o futuro porto em Arroio do Sal. Hoje, o RS conta com apenas três postos alfandegários.

“A ideia é, com o plano de desenvolvimento, que inclui a revisão do Plano Diretor e uma nova configuração urbana, sem perder o potencial turístico, conseguir um pacote de incentivos fiscais para quem quiser investir e construir. Estamos no meio do caminho entre a Região Metropolitana e o futuro porto, e temos uma confluência de rodovias que facilitam o processo logístico”, afirma Patrícia Beck.

Segundo ela, houve reuniões

com a empresa responsável pela construção do novo porto de Arroio do Sal, para compreender as características do terminal. A partir daí, ela reforça, a mudança urbanística de Tramandaí prevê a adequação de um distrito industrial vocacionado à logística.

A proposta, que teria o eixo da RS-030 como ponto para as instalações de novas empresas, prevê ainda a diversificação econômica. Conforme Patrícia, a rede hoteleira e o setor de turismo estarão incluídos nos benefícios fiscais, como a isenção de ITBI na compra de terrenos e de IPTU no período de construção de hotéis.

Porto em Arroio do Sal deve dar novo impulso ao Litoral Norte

Com investimento previsto de R\$ 1,3 bilhão, a ser desembolsado pela concessionária, o Porto Meridional de Arroio do Sal começa a sair do papel. O contrato junto ao governo federal, que autoriza a construção da nova estrutura portuária na altura da praia de Rondinha já está assinado. Os empreendedores preveem finalizar antes do final do ano os últimos levantamentos de campo para que o Ibama possa conceder a licença ambiental e realizar as audiências públicas.

A perspectiva dos empreendedores é, no primeiro semestre de 2025, ter obtido a licença prévia. Depois, com a licença de instalação, a previsão é de até 30 meses para a entrega das obras da primeira fase do novo porto. “Temos uma ideia de ter o Porto Meridional operando em 2028. Já há conversas adiantadas com interessados em operar os futuros terminais”, aponta o diretor jurídico da Porto Meridional, André Busnelo.

A partir da segunda fase, quando os futuros operadores do porto devem aportar recursos, a perspectiva é de que o empreendimento atraia até R\$ 6 bilhões em investimentos. A estimativa é de que o porto tenha capacidade para movimentar 53 milhões de toneladas de carga por ano, sendo 20 milhões em contêineres.

Segundo Busnelo, o início das obras, que pode acontecer ainda em 2025, será dentro da água, com a estruturação do porto, desde dragagem inicial, preparação de molhes e construção dos berços para atracação. A empresa tem autorização para operar 10 berços, incluindo para embarcações de passageiros e cruzeiros.

“A partir da dragagem inicial, também teremos determinada a área para aterro e estruturação da retroárea portuária. O projeto pode contemplar ainda uma ponte sobre a Lagoa

Itapeva, como forma de mitigar os impactos dos transportes de materiais”, aponta o diretor.

Somente na etapa de instalação são previstos até 2 mil empregos diretos e 5 mil indiretos. O projeto, capitaneado por empresários da Serra interessados em um canal alternativo ao Porto de Rio Grande para escoar a produção, deve modificar o perfil da economia no Litoral e também despertar o interesse de quem já produz por lá.

É o caso da Irani Papel e Embalagem que, em Balneário Pinhal, mantém a sua unidade de produção de breu e terebintina, obtidos a partir da industrialização da resina de goma extraída dos pinus elliotti, que desde o final da década de 1960 formam a paisagem da vegetação da região litorânea. Mensalmente, a Irani processa 13,5 mil toneladas dos dois produtos. O problema atual está na logística a partir dali.

Por meio de nota, o diretor de Papel e Florestas da empresa, Henrique Zugman, admite que um novo canal para escoamento é muito bem vindo, mas pondera que será preciso que o novo porto, por exemplo, garanta disponibilidade de embarcações para este tipo de exportação e que a região do Litoral Norte tenha infraestrutura, com terminais e despachantes aduaneiros.

É que a empresa é hoje a sexta maior exportadora de breu e terebintina no Brasil. Da produção de Balneário Pinhal, 89% tem a exportação como destino. Nos primeiros nove meses deste ano, o negócio movimentou US\$ 10 milhões em vendas ao exterior – 100% das exportações de Balneário Pinhal –, no entanto, tudo foi escoado além dos limites do RS, entre os portos de Itajaí e Itapoá, em Santa Catarina. Um movimento que empresas da Serra, dos Vales e do Norte gaúcho também têm adotado em algumas operações.

As mudanças no Litoral

- Entre 2010 e 2022, a população do Litoral teve alta de 25,8%
- Entre 2020 e 2021, o PIB da região aumentou 15,95%
- Entre 2019 e 2024, Tramandaí, Torres, Xangri-Lá e Capão da Canoa licenciaram 7,7 mil projetos imobiliários

- O Porto Meridional terá capacidade de movimentar 53 milhões de toneladas de carga por ano
- O porto vai gerar 7 mil empregos no período de implantação, atraindo, ao final, R\$ 6 bilhões em investimentos

Agronegócio

Litoral Norte também se destaca na produção de frutas

Terra de Areia é referência em abacaxi; região ainda é forte no cultivo de bananas

As frutas representam a ponta de toda uma cadeia produtiva entre o Litoral Norte e a Região Metropolitana. Toda a banana consumida na produção dos doces da DaColônia, em Santo Antônio da Patrulha, por exemplo, é fornecida por produtores da região. Em 2023, para que se tenha uma ideia, a empresa produziu 3,5 mil toneladas de produtos à base da fruta.

“Temos uma relação muito

próxima com estes produtores. É uma relação saudável, que gera benefícios e resultados para ambas as partes. São inúmeras famílias beneficiadas por essa relação. Temos ainda na região todo o nosso fornecimento de melado, e o açúcar mascavo é produzido na região por pequenos produtores que já são nossos fornecedores há mais de 60 anos”, conta o diretor da DaColônia, Willian Freitas.

Três Cachoeiras, Morrinhos do Sul e Mampituba lideram a produção gaúcha de bananas e de abacaxis, que conta com Terra de Areia e Torres também



FERNANDO DIAS/SEAPI/DIVULGAÇÃO/JC

Produção de abaxi de algumas cidades do Litoral gaúcho abastece o Rio Grande do Sul com a fruta

em papel de destaque na produção.

O resultado de parcerias que movimentam a produção agrícola do Litoral, como a desenvolvida pela DaColônia, tem ganhado o mundo. Em outubro, a empresa foi a única do setor

no Rio Grande do Sul a ter um estande próprio na Feira Sial, em Paris, na França.

Neste ano, a fabricante de Santo Antônio da Patrulha investe R\$ 20 milhões em melhorias de equipamentos e processos para desenvolver,

principalmente, as suas novas barras de proteína. Em média, a empresa cresce 25% por ano. Com 950 funcionários, a maior parte moradora do município, a DaColônia hoje tem capacidade de produzir 24 mil toneladas de produtos por ano.

A produção rural no Litoral e Região Metropolitana

Arroz

- ♥ Mostardas - 29,9 mil hectares
- ♥ Viamão - 17,3 mil hectares (perda de 1,1 mil hectares)
- ♥ Palmares do Sul - 13,2 mil hectares
- ♥ Santo Antônio da Patrulha - 11,1 mil hectares (perda de 422 hectares)
- ♥ Eldorado do Sul - 10,6 mil hectares (perda de 963 hectares)
- ♥ Nova Santa Rita perdeu 3,08 mil hectares e colheu 1,02 mil
- ♥ Triunfo perdeu 1,4 mil hectares e colheu 4,8 mil

FONTE: Irga 2023/24

Frutas

- * Bananas
 - ♥ Três Cachoeiras - 39,2 mil toneladas
 - ♥ Morrinhos do Sul - 30 mil toneladas
 - ♥ Mampituba - 20,8 mil toneladas
 - ♥ Dom Pedro de Alcântara - 10,5 mil toneladas
 - ♥ Terra de Areia - 8,8 mil toneladas
- * Abacaxi
 - ♥ Terra de Areia - 3,6 milhões de frutos
 - ♥ Três Cachoeiras - 267 mil frutos
 - ♥ Torres - 185 mil frutos
 - ♥ Itati - 56 mil frutos
 - ♥ Três Forquilhas - 50 mil frutos

Fonte: Embrapa, 2022

Arroz orgânico está em recuperação após cheias

Entre Eldorado do Sul, Nova Santa Rita e Viamão, a Cooperativa dos Trabalhadores Assentados da Região de Porto Alegre (Cootap), ligada ao Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), produz arroz em 3,6 mil hectares. É justamente o trabalho dos assentados que garante, com a marca Terra Livre, o diferencial para o arroz produzido na região, com a maior área de cultivo orgânico do grão no País.

A produção certificada está

em ritmo de retomada após as cheias. Na biofábrica que funciona no Assentamento Filhos de Sepé, em Viamão, são desenvolvidos adubos e insumos com base 100% biológica.

“A partir das cepas fornecidas pela Embrapa, a produção, com o tratamento de sementes, de enraizamento e de desenvolvimento, funciona como um fermento. Tínhamos, por exemplo, a incidência de lagartas, percevejos. Já desenvolvemos insumos orgânicos

contra essas pragas”, explica o tesoureiro da Cootap, Marcos Vanderlei dos Santos.

A cheia, contudo, arrasou boa parte da produção, deixando R\$ 11,4 milhões em prejuízos. O período de plantio – com especial atenção aos cuidados com o solo –, já se iniciou em uma área 10% menor. A expectativa é colher até 14 mil toneladas de arroz orgânico, quase o dobro das 7,5 mil toneladas deste ano. A inundação levou à perda de 51% da produção.

O futuro é agora e é tão tecnológico quanto o futuro prometia.

Sun Motors Ipiranga

Av. Ipiranga 8113
Porto Alegre - RS

KIA Sun Motors

Logística

Região Metropolitana e Vale do Sinos atraem grandes centros logísticos

Multiplicação de complexos junto a grandes rodovias se manteve após enchente de maio

Eduardo Torres

A partir das inundações de maio, o 3SB Parque Logístico, entre a BR-448 (Rodovia do Parque) e a BR-116, em Nova Santa Rita, desenvolveu um sistema próprio de proteção. Na infraestrutura interna do empreendimento onde, diariamente, são movimentados 700 veículos e circulam 2 mil pessoas, equipamentos como geradores e subestações foram elevados. E tudo, sem parar as operações. Isso porque a cheia de maio não reduziu em nada o ritmo de avanço das estruturas

logísticas entre a Região Metropolitana e o Vale do Sinos.

No caso do 3SB, além das 12 operações mantidas, entre os setores alimentício, de e-commerce e de medicamentos, o parque logístico está em plena ampliação e expansão. “Fecha-mos a locação de 13 mil metros quadrados e estamos reiniciando as nossas ampliações, com a construção de mais dois armazéns, totalizando 16 mil metros quadrados de área construída”, detalha o diretor do 3SB Parque Logístico, Reginaldo Martins.

A perspectiva é de que, até o primeiro trimestre de 2025, seja concluído o master plan da empresa em Nova Santa Rita, de 210 mil metros quadrados, com investimentos de R\$ 50 milhões.

Em outro eixo rodoviário da



Em Guaíba, Grupo Lebes investirá R\$ 500 milhões na construção do Ellosul Ecosystema Logístico

Região Metropolitana, foi inaugurado neste ano, em Guaíba, às margens da BR-116 Sul, o Ellosul Ecosystema Logístico, a partir de um investimento de R\$ 500 milhões do Grupo Lebes, que se anuncia como o futuro maior centro logístico do Rio Grande do Sul. Serão sete pavilhões modulares, dos quais, dois já operam, em uma área logística de 264 mil metros quadrados, superando o porte do 3SB, por exemplo.

Os ramais rodoviários que determinam este movimento

dos empreendimentos logísticos têm outro terreno bastante fértil entre Gravataí e Cachoeirinha, às margens da BR-290 e da ERS-118, em seu trecho duplicado, entre Gravataí e Sapucaia do Sul. É justamente neste trecho que o 3SB, após completado o projeto de Nova Santa Rita, já confirmou a sua expansão, em Gravataí.

“Na cheia, com o isolamento de diversas regiões, percebemos que, para maior segurança aos nossos clientes, precisávamos estar também em outros

pontos da Região Metropolitana, e Gravataí, além de Nova Santa Rita, foi o local que nos pareceu estrategicamente mais adequado”, diz Martins.

A cidade, que já conta com quatro grandes condomínios com estruturas logísticas de empresas, espera as finalizações de pelo menos outros cinco centros logísticos, que agora incluirão ainda um terceiro eixo rodoviário, na ERS-030, que liga a Região Metropolitana ao Litoral, mas também representa um atalho em direção à freeway.

Duplicação de mais um trecho da ERS-118 deve representar novo salto de empreendimentos

E se a duplicação da ERS-118, que se arrastou por quase duas décadas, entre Gravataí e Sapucaia do Sul, encurtando e dando maior segurança para quem trafega entre a freeway e a BR-116, significou um salto, com a revelação de uma nova vocação a Gravataí, a enxurrada de maio serviu para alertar a todos sobre a relevância da rodovia entre Gravataí e Viamão.

Com todos os acessos à Capital bloqueados, esta virou a única rota possível durante algumas semanas, a partir de Alvorada ou de Viamão.

“Naquele período, ficou comprovado o risco de colapso da rodovia sem uma duplicação. Quintuplicou o movimento e, entre Gravataí e Viamão, era comum levar cinco horas no trânsito”, lembra o secretário-geral de Governo de Viamão, Túlio Barbosa.

Uma das possibilidades consideradas pelo governo estadual foi a de incluir o trecho em um dos lotes de concessão de rodovias, com a implantação

de pedágio na região, algo que mobilizou lideranças locais contra a nova cobrança.

Agora, aumenta a possibilidade de que o trecho da ERS-118, por ter sido a estrada do desafogo durante a enchente, receba recursos do Fundo do Plano Rio Grande (Funrigs), com os recursos que o Estado deixa de repassar à União no período de reconstrução.

Fica junto à rodovia o Distrito Industrial de Alvorada-Viamão que, mesmo sem uma solução viária, começa a, finalmente, sair do papel. Já são quatro empresas instaladas na área e, segundo Barbosa, há procura de novas empresas. Entre os futuros empreendimentos a se instalarem está a Fundação Ciron, que leva para Alvorada a relevância do setor industrial metalúrgico. Com aporte previsto de R\$ 200 milhões, a indústria terá capacidade de produção de 7,5 mil toneladas de ferro fundido por mês.

Outros R\$ 30 milhões são aportados pelo Grupo Argenta,

também no lado de Alvorada, para ampliar em até 40% a comercialização da Aiva Lubrificantes, que refina e desenvolve novas tecnologias de combustível nesta planta industrial. Nesta fábrica, são 180 funcionários.

O principal investimento na rodovia, no lado de Viamão, foi concretizado no ano passado, quando a fabricante de peças automotivas Viemar, concentrou no município e na ERS-118, cinco unidades industriais em uma mesma planta.

“Foi um dos símbolos da forma como estamos trabalhando para atrair investimentos para o município. Em um ano, todo o processo para instalação da empresa estava pronto. Criamos uma lei de incentivo local para desburocratização, que foi decisiva, por exemplo, para as instalações de cinco atacarejos e grandes redes. A geração de empregos em Viamão é uma preocupação constante nossa. Hoje, 60 mil pessoas ainda saem

diariamente da cidade para trabalhar”, diz o secretário.

A movimentação diária de caminhões a partir da atração de investimentos para a região, porém, diariamente escancara a necessidade de melhoria na rodovia. “Estamos em uma concorrência com Gravataí. Assim como eles, nós fomos um lugar seguro durante as cheias e geramos a atração de empresas para cá, com preços de terrenos mais baratos, porém, ainda com essa expectativa de melhorias logísticas”, aponta Barbosa.

A condição geográfica de Viamão durante a inundação também motiva o desenvolvimento de outra frente logística, mais próxima da ligação do município com as zonas Sul e Leste de Porto Alegre. Na área de 88 hectares que era da Fepagro, é projetado um novo distrito logístico e tecnológico.

“Não existem empresas logísticas hoje, nesse trecho entre a ERS-118 e a ERS-040, e nós estamos criando essa nova opção, com um novo conceito.

Já temos negociações com um grupo logístico nacional que, no entanto, está monitorando a situação da 118”, comenta Túlio Barbosa.

Mesmo figurando entre os 15 maiores PIBs municipais entre os 45 municípios retratados neste capítulo do Mapa Econômico do RS, Viamão e Alvorada estavam, em 2021 – registro mais recente feito pelo IBGE –, entre os três menores PIBs per capita do Rio Grande do Sul. Nenhum dos dois municípios figurava entre os 10 maiores VABs industriais das regiões.

Municípios onde estão os principais condomínios logísticos da região

- 📍 Guaíba
- 📍 Nova Santa Rita
- 📍 Gravataí
- 📍 Sapucaia do Sul
- 📍 Cachoeirinha
- 📍 Canoas

Saúde

Área da saúde terá investimentos industriais e logísticos

Além de novos hospitais, Região Metropolitana de Porto Alegre deve receber fábricas do setor

Se a região já é referência em serviços de atendimento à saúde, nos próximos anos, pode se consolidar também como terreno para o desenvolvimento industrial e logístico na área da saúde. Há negociações adiantadas para erguer pelo menos dois hubs industriais do setor na Região Metropolitana.

Em Viamão, o Grupo JP Farma investe R\$ 50 milhões para iniciar a produção de soros em sua nova unidade, com capacidade para produzir 5 milhões de unidades por mês. A empresa já está instalada no município desde o ano passado, operando a sua logística no local.

Já em Guaíba, está prestes a ser concretizado um cluster de saúde. Uma área de 600

hectares estaria reservada nas proximidades do bairro Pedras Brancas para receber indústrias do setor.

“Já há um protocolo de intenções assinado, com possibilidades de incentivos nacionais e do governo gaúcho, para recebermos nessa área indústrias na área de tecnologia para diagnósticos, imagens e matérias-primas do setor de saúde. Existem negociações com empresas indianas, chinesas e árabes”, antecipa o prefeito Marcelo Maranata.

Os empreendimentos somariam ao momento de plena expansão em investimentos públicos e privados na estrutura dos serviços de saúde entre as três regiões retratadas neste recorte do Estado. A região já conta com um importante núcleo de laboratórios, que foram diretamente atingidos pela cheia, entre o 4º Distrito, em Porto Alegre, e Canoas, como é

Novo hospital privado será instalado em Canoas

O Grupo São Pietro investe para suprir outra carência na região: a ausência de rede privada hospitalar em Canoas, onde está a segunda maior população entre as regiões retratadas neste Mapa. Com investimento que deve chegar a R\$ 340 milhões, o Grupo São Pietro apresentou, em 2024, o projeto para erguer um novo hospital na cidade. Conforme Luciano Zuffo, a expectativa é iniciar as obras no próximo ano e, em dois anos e meio a partir disso, ter o hospital operando. A perspectiva é atender de 15 a 20 mil pacientes por mês e gerar 1,2 mil empregos diretos.

“Temos uma relação com a cidade há 13 anos, desde que implantamos o Oftalmocentro. Vimos que havia uma janela, com a carência de um hospital privado em um município com um dos maiores PIBs e população do Estado. Agora traremos uma nova opção contra a superlotação

em Porto Alegre, por exemplo, e com um nível de excelência. Não seremos mais um competidor no setor, mas mais um agente resolutivo. Iniciamos esse estudo em 2021 e, no final do ano passado, viabilizamos o projeto financeiramente”, explica.

O hospital estará equipado com 15 salas cirúrgicas, radioterapia, UTI pediátrica e 230 leitos de internação. Conforme o diretor, um dos objetivos do projeto é eliminar desperdícios operacionais.

O Grupo São Pietro já está presente nas regiões com seis centros oftalmológicos, além da operação do Hospital Banco de Olhos, na Capital. Em Novo Hamburgo, trabalha atualmente na revitalização do Hospital da Visão, com previsão de inaugurar em 2025. No Litoral Norte, inaugurou, há pouco, um centro de atendimento em urologia e oftalmologia em Xangri-Lá.



Centro de Oncologia e Hematologia do Grupo Hospitalar Conceição, na Capital, foi inaugurado neste ano

o caso da Oliná.

Em Porto Alegre, por exemplo, o governo federal inaugurou neste ano o Centro de Oncologia e Hematologia do Grupo Hospitalar Conceição, finalizando R\$ 144 milhões investidos na cidade, que reforçam ainda mais o papel da Capital como uma referência nacional, inclusive com a atração de pacientes de todo o País, no tratamento contra câncer.

Dados do Censo 2022 apontam que o Rio Grande do Sul

tem a mais elevada idade mediana da população. O envelhecimento, aliado a dados epidemiológicos, que mostram que problemas cardíacos e de câncer já respondem por mais de 50% das causas de mortes dos gaúchos – e que nos próximos 10 anos, o câncer se tornará a principal causa dessas mortes –, atraem naturalmente maiores investimentos à cidade, que conta com sete hospitais entre os 100 melhores do País.

“A saúde passa por um

momento de reflexão. A população envelhece e o custo dos serviços aumenta. E há um problema sério na saúde suplementar e também no SUS. Então, quando o setor privado ou público investe, todos saem ganhando porque é uma rede. Foi assim durante a cheia, quando parte do Hospital Mãe de Deus ficou inundada e todos abriram as portas para receber os pacientes”, diz o sócio-fundador do Grupo São Pietro, Luciano Zuffo.



Grupo São Pietro investe para suprir carência em Canoas

Complexo de saúde no Litoral

No Litoral Norte, o terreno para investimentos em serviços de saúde é justificado pelo boom populacional em toda a região, ainda carente dos principais atendimentos que existem na Região Metropolitana, por exemplo.

Não à toa, avança em Capão da Canoa o projeto do Markho Life Complex, liderado pelo Grupo Pessi, que, até 2028, pretende ter operando no município um novo conceito de empreendimento, que vai reunir atendimento em saúde com um hospital de alta complexidade, uma torre com consultórios médicos, uma torre residencial, complexo de lojas e uma das torres será um health care.

Com o complexo pronto, são projetadas 50 mil pessoas circulando todos os meses por ali.

Painel

Evento do Mapa Econômico em Porto Alegre reuniu lideranças para debate

Mais de 200 empresários, presidentes de entidades de classe, gestores públicos e privados participaram da reunião-almoço na FiegRS, em 9 de dezembro. O painel debateu desafios e oportunidades de desenvolvimento para as Regiões Metropolitana, Vale do Sinos e Litoral.



Giovanni Jarros Tumelero (c), do JC, com Luciano Zuffo, Claudio Teitelbaum, Samanta Takimi e Rodrigo Sousa



Caio Tomazeli, da Secom RS



Jason Green, cônsul dos EUA



Ermani Polo, secretário de Estado



Antônio Cesa Longo, da Agas



Senador Luis Carlos Heinze



José Paulo da Rosa, da Feevale



Nanci Walter, do Crea-RS



José Rafael Wojtowicz, do BRDE



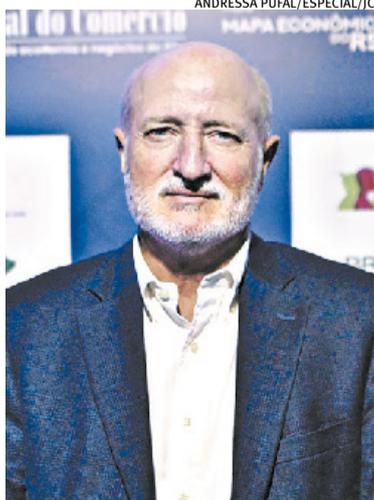
Daniela Cardeal, do Sindienergia



Cristiano Arrué Felix, do CIEE-RS



Fabrício Peruchin, secretário do RS



João Carlos Dal'Aqua, do Sulpetro



Alcides Brugnera, do Sicredi



Gustavo Ene participou do Mapa



Francisco Cardoso, da Fetransul



TÂNIA MEINERZ

Mércio Tumelero, Claudio Bier, Felipe Camozzato e Mauro Bellini estiveram no evento



TÂNIA MEINERZ/JC

Reunião-almoço na Fiergs reuniu mais de 200 pessoas para painel do Mapa Econômico



TÂNIA MEINERZ/JC

Luiz Otávio Prates, da prefeitura



ANDRESSA PUFAL/JC

Mauro Pinheiro, da Câmara Poa



TÂNIA MEINERZ/JC

Ivonei Pioner, da Federação Varejista



THAYNÁ WEISSBACH/JC

Marcelo Arruda, da Famurs



TÂNIA MEINERZ/JC

Walter Lídio Nunes, da Sergs



THAYNÁ WEISSBACH/JC

Odir Dellagostin, da Fapergs



TÂNIA MEINERZ/JC

Prefeito Marcelo Maranata (Guaíba)



THAYNÁ WEISSBACH/JC

Suzana Vellinho, da ACPA



TÂNIA MEINERZ/JC

Empresário Júlio César Bratz Lamb



TÂNIA MEINERZ/JC

Prefeito Leonardo Pascoal (Esteio)



TÂNIA MEINERZ/JC

Eduardo Trindade, do Cremers



TÂNIA MEINERZ/JC

Paulo Geremia, do Sindhá



TÂNIA MEINERZ/JC

Wilson Noer, presidente da FAGV



TÂNIA MEINERZ/JC

Jefferson Fürstenau, do Sincodiv-RS



TÂNIA MEINERZ/JC

Juliana Fürstenau, da Sun Motors

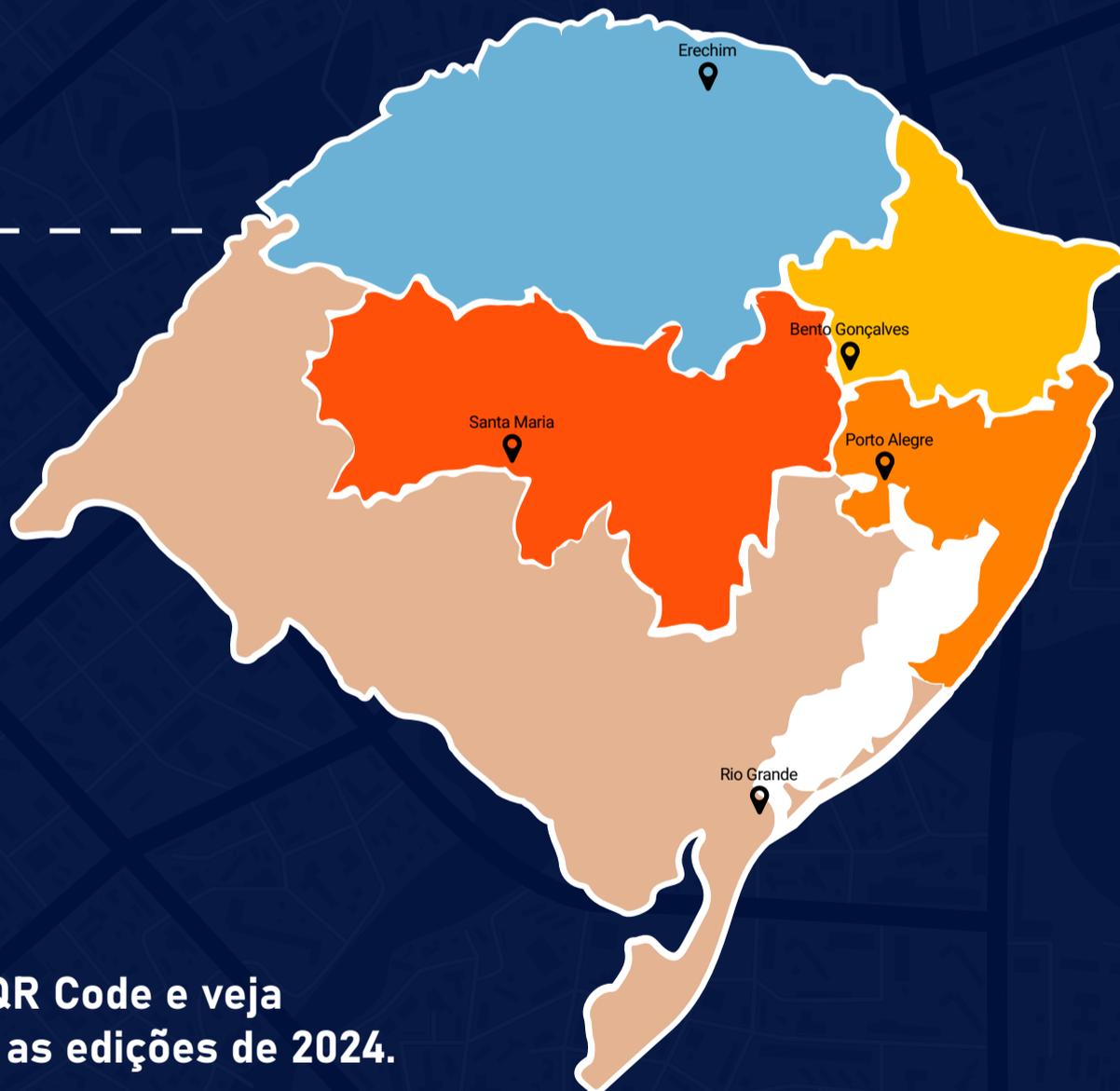
Jornal do Comércio 91 ANOS
O jornal de economia e negócios do RS

MAPA ECONÔMICO DO RS

Acompanhe o Mapa Econômico do RS em 2025

O Jornal do Comércio realizou ao longo de 2024 um raio-x da economia do Rio Grande do Sul. O Mapa Econômico do RS mostrou oportunidades e desafios ao desenvolvimento econômico do Estado, com um panorama das principais cadeias produtivas gaúchas, tendências e dados sobre os 497 municípios gaúchos.

Em 2025, o projeto será ampliado, realizando eventos regionais em novas cidades e mostrando a evolução nas diferentes regiões do Rio Grande do Sul, com indicadores sobre a economia do RS, que servem para a tomada de decisão.



Escaneie o QR Code e veja como foram as edições de 2024.

